

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER**

DENISE BARBOSA RODRIGUES

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE AGRICULTORES E
AGRICULTORAS: UM OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Santo Antônio da Patrulha

2011

DENISE BARBOSA RODRIGUES

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE AGRICULTORES E
AGRICULTORAS: UM OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Mestra Cléia
Margarete Macedo da Costa Tonin

Co-Orientador: Prof. Mestre João Daniel
Dorneles Ramos

Santo Antônio da Patrulha

2011

DENISE BARBOSA RODRIGUES

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE AGRICULTORES E
AGRICULTORAS: UM OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha 26 de abril de 2011.

Prof. Me. Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin - Orientadora
UFRGS

Prof. Me. João Daniel Dorneles Ramos- Co-Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Luís Aquiles Martins Medeiros
UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico a realização desse trabalho a meus pais João Geraldo e Nícia Teresinha, pela força e empenho em me apoiar e estarem presentes durante toda essa minha caminhada acadêmica. De modo especial, saliento a paciência e o carinho deles, contidos na imagem que me passam de uma vivência da realidade vinculada às causas: desafios, sonhos, à história e à cultura de agricultores.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial às pessoas que me ajudaram durante a caminhada acadêmica, àqueles que me acolheram com grande carinho e amizade permitindo estadia para a participação nas aulas presenciais. Agradeço pela alegria e disponibilidade das pessoas que me receberam em suas propriedades, por me concederem a realização dos estágios, bem como confiarem a mim dados para as atividades do curso, por meio dos quais concretizaram meu aprendizado.

Agradeço ainda aos colegas com os quais realizamos trabalhos juntos, pela ajuda na realização das tarefas, pelos sorrisos, saídas a campo, e pela chuva e sol quente que enfrentamos juntos.

Agradeço a tutora presencial Teresinha Oliveira, pelo fato de me motivar e de não me deixar desistir do tema “Educação do Campo”, do qual sempre falei durante o curso.

Agradeço também minha orientadora, professora Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin, pela sua ampla experiência, carinho, dedicação e aguçada sensibilidade, e ao tutor à distância João Daniel Dorneles Ramos, que com sua disponibilidade direcionou minhas leituras, incentivando-me a ter confiança em mim mesma e no meu trabalho para a concretização de minha proposta inicial, e aos profissionais do Pólo Universitário Santo Antônio pelo suporte oferecido quando necessitei.

Certamente durante o PLAGEDER vivenciei momentos de imensa oportunidade para o meu conhecimento pessoal e profissional, através da troca de experiências com quem continua trabalhando em prol de métodos alternativos que permanecem tendo seu sustento da agricultura.

Obrigada Deus, pela permissão da vivência com as famílias diante das potencialidades e fragilidades, as quais se inserem na vida diária de agricultores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Localização de Santo Antônio da Patrulha.....	28
Figura2- Gráfico 1- População rural e urbana.....	30
Figura 3- Mapa localizando os distritos do município de Santo Antônio da Patrulha.....	31
Figura 4- Banhado Grande.....	32
Figura 5- Gráfico 2- Estratificação Social por escala de tamanho de estabelecimento.....	33
Figura 6- Gráfico 3- Total de porcentagem dos alunos por comunidade.....	34
Figura7- Escola Érico Veríssimo.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I-	
Educação, marcas de uma caminhada.....	12
1.1- Educação do Campo: a constituição da identidade dos atores do campo.....	15
1.2- Perspectivas, Tendências e as ações de Práticas Sócio-Educativas do Campo	19
1.3- A identidade sócio-cultural, concepções e uso da Pedagogia de Alternância.....	22
1.4-- O uso dos livros didáticos.....	24
CAPÍTULO II-	
O município de Santo Antônio da Patrulha.....	27
2.1 A comunidade de Chicolomã e a Escola Érico Veríssimo.....	31
2.2 Os Agentes Envolvidos.....	36
2.3 Perspectivas.....	37
CAPITULO III-	
Análise do Livro Didático e das entrevistas.....	39
3.1 “Unidade 1- Cidade e Campo: as paisagens”	39
3.2 “Unidade 2- Cidade e Campo: trabalho e produção”.....	41
3.3 “Unidade 3- Cidade e Campo: as relações”	43
3.4 “Unidade 4- Cidade e Campo: o município”	44
3.5 “Unidade 5- Os componentes das paisagens”	47
3.6 Análise da pesquisa e das entrevistas.....	48
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	61

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a constituição da identidade de agricultoras e agricultores através das representações que lhes são atribuídas, de modo especial pelos livros didáticos. Para isso, inicialmente é realizado a análise do município e local ao entorno dos atores envolvidos, buscando compreender a relação entre a realidade e a representação sobre o agricultor e o rural que são projetados nos livros. Posteriormente, é realizada a análise do livro de geografia da 3ª série do Ensino Fundamental que pertence à coleção Geografia para Crianças. Durante o trabalho, observei que o livro estudado apresenta abordagens ao rural e seus atores, mas que não são condizentes com os fatores locais, o que gera na escola de estudo o desenvolvimento de Projetos de Aprendizagem.

Palavras-chave: Educação do campo; identidade; livro didático.

Abstract:

This work seeks to analyze the Constitution of identity of the farmers through their activities and specially from the books. This analysis was initially conducted in the surroundings where they live looking for understand the relationship between reality and what the books say. Thus, the analysis was made mainly from the book of geography of the 3rd series of elementary school that belongs to the collection Geography for kids. During the work the book studied presents approaches of rural life and its actors, but that was not consistent with the local factors, resulting in a development of learning projects.

Key words: education in the country; identity; textbook.

INTRODUÇÃO

Pretendo ir de encontro à junção de fatores que muitas vezes se tornam limitantes para que ocorra a promoção do desenvolvimento no meio rural. Sabe-se que, a partir da Revolução Verde, a chegada da mecanização ao campo desencadeou de forma expressiva o êxodo rural, principalmente por parte dos jovens. De várias formas, a cidade tem sido mostrada como sinônimo de desenvolvimento e progresso, enquanto o campo e os agricultores e agricultoras são estigmatizados e apontados como atrasados.

No contemporâneo, esse discurso se apresenta como contraditório por diferentes razões. Primeiro, as cidades não absorveram a demanda de agricultores e agricultoras que migraram do campo. Segundo, os centros urbanos exigem mão de obra qualificada para a cidade, pois já contam com um excedente de mão de obra desqualificada para aquele ambiente, gerando para a cidade um crescimento desordenado e problemas sociais de toda espécie. Considerando essa situação, discursivamente, alia-se hoje a extrema necessidade da permanência do agricultor no campo, para garantir a segurança alimentar e a qualidade dos produtos.

Como efeito do processo de industrialização e da globalização, o "progresso" está chegando ao campo. Observo, atualmente, a inserção das tecnologias no campo: o "desenvolvimento" vai da casa ao galpão. A propriedade rural conta com eletrodomésticos, serviço móvel de comunicação, Internet, máquinas para processar alimentos para os animais, ordenhadeiras, etc.

Porém, faz-se necessário problematizar a forma pejorativa como os agricultores e agricultoras são mostrados na escola. Conforme Caldart (2002), em uma pedagogia que cultive identidades, auto-estima, valores, saberes, a permanência dos agricultores/as no campo e a conseqüente sucessão rural está fortemente relacionada com a aplicação do conhecimento adquirido em casa e da qualidade da educação escolar. Para a autora, a escola do campo deve ter o currículo condizente com a realidade local/regional dos alunos, para que os educandos vivenciem/resgatem a sua cultura, tendo em vista a ocupação proveitosa desse ambiente.

É necessário que se aborde este processo da constituição da identidade de ser agricultor, que deve ser iniciada no ambiente familiar e fomentada pela base pedagógica vigente. Sendo assim, acredito ser essencial construir questões-chave

que irão ao encontro da problemática concreta, como por exemplo: estes livros apresentam o rural e o agricultor? Como estes livros discutem o desenvolvimento e o progresso? Que sentido sobre a identidade há para as crianças que têm acesso aos livros?

Para responder essas questões acima, entendo que é possível analisar algumas representações de identidade de agricultores e agricultoras que são difundidas por livros didáticos, utilizados nas escolas do 6º distrito do município de Santo Antônio da Patrulha, buscando compreender se há relações entre as representações – que um dos livros apresenta –, sobre o meio rural acerca da migração campo – cidade.

Nesse sentido, analisei o livro “Geografia para Crianças”, do 4º ano do Ensino Fundamental, da autora Elizabeth Auricchio de Carvalho (2008), utilizado pela escola Érico Veríssimo, buscando perceber como este instrumento pode influenciar a questão de permanência no campo ou no êxodo rural, utilizando representações sobre a identidade de camponeses e camponesas.

Como objetivo geral, proponho-me a analisar algumas representações de identidade de agricultores e agricultoras construídas pelos livros didáticos utilizados nas escolas do 6º distrito do município de Santo Antônio da Patrulha. E meus objetivos específicos são entender como os livros didáticos contribuem para a constituição da identidade do/a agricultor/a, e ainda, entender a possível relação entre a identidade que os livros didáticos projetam e a migração campo-cidade.

Desta forma pretendo no Capítulo I abordar a discussão de como a educação no campo se faz presente na constituição da identidade, que é sociocultural, mesmo perante a mecanização e a chegada da tecnologia que desencadearam o processo de êxodo rural.

Delimitando o campo de estudo, o Capítulo II apresenta o Município de Santo Antônio da Patrulha – RS, os fatores históricos de sua formação, e de uma forma mais específica mostrando a escola de ensino fundamental localizada no 6º Distrito, chamada Érico Veríssimo, as suas ações e os atores envolvidos.

No Capítulo III, buscando a constituição da identidade, abordarei a análise de um dos livros didáticos utilizado nessa escola, evidenciando e construindo questões-chaves que irão ao encontro da problemática concreta: a forma como os livros apresentam a identidade do agricultor. Posteriormente, apresento os resultados obtidos diante a pesquisa realizada, associando as entrevistas com a análise do livro

didático escolhido. A técnica de pesquisa adotada foi a elaboração e aplicação de um questionário, com perguntas específicas para os nove alunos da turma de 3ª série e entrevistas semi-abertas com a diretora da escola referida e com a professora dessa turma.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO, MARCAS DE UMA CAMINHADA

Neste capítulo, abordo uma parte da história da educação do campo. De acordo com Fernandes (2006),

Para a origem deste conceito é necessário salientar que a Educação do Campo nasceu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um fato extremamente relevante na compreensão da história da Educação do Campo. Dessa demanda também nasceu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) e a Coordenação Geral de Educação do Campo. (Fernandes *apud* Molina, 2006, p.28).

É pertinente nesse estudo focar os fatores formadores e fundamentais de sua essência, abrangendo desde o seu princípio da educação, conforme salienta Freire (1996). A educação em seu âmbito possui uma histórica caminhada construída por pensamentos de estudiosos e de filósofos. Segundo Paulo Freire (s/d), é possível habilitar o aluno a “ler o mundo”, na expressão famosa do educador. “Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)” (FREIRE, s/d). A alfabetização é, para o autor, um modo de os desfavorecidos romperem o que ele chamou de “cultura do silêncio” e transformar a realidade, “como sujeitos da própria história” (FREIRE, s/d).

Por isso que é através da educação que o ser humano se constrói passivo ou crítico, participativo ou estagnado, com ou sem o conhecimento de seus direitos e deveres. Dessa forma, Aranha (2006, p.208) citando Rousseau (s/d), descreve o indivíduo em estado de natureza como sendo bom e que se corrompe na sociedade, que destrói sua liberdade: “o homem nasce livre e por toda parte encontra-se a ferros”. Assim, claramente a representatividade do filósofo está expressa ao criticar o regime representativo em defesa da democracia direta entre os atores sociais.

Os pensamentos de Freire (1987) abordam a educação visando uma prática da liberdade, questionando as práticas em si, os métodos que oprimem e rejeitam o ser humano de suas opiniões e percepções:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p.23).

Diante deste processo humanista e libertador da pedagogia é que, na vivência cotidiana, esses pensamentos formam um processo que rompe com a opressão e se torna ativo e participativo.

Entretanto, sei que há muito ainda a ser trabalhado, como as grandes matrizes da formação dos sujeitos do campo a qual se refere Caldart (2002):

Os sujeitos se humanizam ou se desumanizam sob condições materiais e relações sociais determinadas; nos mesmos processos em que produzimos nossa existência nos produzimos como ser humano; as práticas sociais são as que, afinal, confrontam (formam ou deformam) os sujeitos (CALDART, 2002, p.130).

Através das primeiras concepções pedagógicas que são apresentadas, destacam-se a história, a cultura e a luta pelos direitos sociais e humanos abordados por Caldart (2002), que define o povo do campo como o povo mais legítimo.

É pertinente salientar também a importância das diretrizes para a construção dessa nova pedagogia voltada aos anseios do meio rural e de seus educandos. Com a Revolução Verde, a partir do início do século XX, de acordo com Miguel (2009), apoiando-se em Mazoyer e Roudart (2001) ampliou-se progressivamente a utilização de novos meios de produção agrícolas, como a motorização, a grande mecanização, a quimificação e a seleção de plantas e raças gerou um progressivo processo de especialização dos agricultores para produzirem produtos destinados à venda.

A população do campo sofreu e ainda sofre com a estigmatização e exclusão. A meu ver, o estigma, conforme Gehlen (2009) faz referência a Goffman (1976), o qual se faz muito compreensível quanto ao sentido de preconceito:

O estigma atribuído aos excluídos transforma as vítimas nos primeiros responsáveis pelo seu fracasso. A sociedade culturalmente dominante estabelece os atributos ("naturais"), que assumem normativamente de conduta, "consensuais", estabelecendo categorias e hierarquias sociais. Estigmatizando algumas categorias, afirma-se a ordem social dominante. Responsabilizam-se essas categorias sociais estigmatizadas, excluídas, pela própria condição, culpabilizando-as pela incapacidade de resposta ao modelo, ou ao trabalho, no caso dos caboclos. Com isso, o processo social excludente apresenta as diferenças sociais como naturais, invertendo a percepção do real (GOFFMAN, 1976 *apud* GEHLEN, 2009, p.33).

Desse modo, o autor propõe associar a estigmatização à condição de renda. A condição de vida rural e urbana gera no ator social o sentimento de que o próprio estigmatizado é culpado por isso e que o associa a incapacidade, gerando exclusão diante da sociedade.

Entendo que a educação é um instrumento através do qual essa população (a do campo), pode validar-se para a reconstrução de seus direitos e de sua participação igualitária na sociedade, além de promover a autonomia de inserção de seus produtos.

Cabe aqui citar os termos legais da educação, que é regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), bem como a construção de pareceres que acentuam e enfatizam algumas prioridades educacionais. Além disso, a LDB 9.394/96, normatiza a Educação Rural, em seu art. 28:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
Organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
Adequação à natureza do trabalho na zona rural.”
(LDB Lei 9394/96)

Entretanto, nem sempre esses estabelecimentos de ensino dispõem de reais condições de atender as exigências, já que muitas vezes essas escolas funcionam com atendimento multisseriado, por possuírem poucos alunos por série. Em outros casos, os profissionais destinados a esses estabelecimentos nem sempre estão qualificados e adaptados com a realidade rural e as necessidades desses alunos.

Infelizmente, ainda a sociedade que temos é uma sociedade competitiva e excludente, onde o indivíduo é alienado, acrítico, fazendo com que as pessoas que vivem no campo sejam usadas como instrumentos de implementação de modelos que as ignoram ou as escravizam. Entretanto, devo mencionar que há pessoas que desenvolvem ideias e práticas centradas nos princípios de liberdade, agindo de forma compreensiva, participativa, ativa e, principalmente, coerente com a realidade.

Visando a inclusão e a igualdade, cabe citar Caldart (2002), que salienta:

A oferta do ensino fundamental precisa chegar a todos os recantos do País e a ampliação da oferta das quatro séries regulares em substituição às classes isoladas uniformemente é meta a ser perseguida considerando as peculiaridades regionais e a sazonalidade. (Caldart 2002, s/d)

Saliento aqui o que diz o Artigo 2º, no parágrafo único do Parecer CNE/CEB 36/2001:

Identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (CNE/CEB 36/2001).

O artigo 5º (CNE/CEB 36/2001) menciona as propostas pedagógicas das escolas do campo respeitando as diferenças e o direito à igualdade, citando ao final do mesmo que as escolas contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia.

Pressuponho aqui a educação como fator determinante para a construção da identidade de cidadãos e cidadãs. Para obter êxito aos propósitos aqui mencionados, é necessária a qualificação dos educadores e programas de assistência dos órgãos especializados, abraçando a causa e trabalhando no mesmo caminho. De acordo com Verceze e Silvino (2008), a educação escolar caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica que se estabelece entre conhecimentos práticos e teóricos.

1.1-EDUCAÇÃO DO CAMPO: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS ATORES DO CAMPO

A contribuição da educação na vida de cada ser humano ocorre de forma direta ou indireta, estando condicionada à formação de sua identidade como sujeito de articulações e ações. Na realidade rural, a educação, quando realizada de forma a estimular a permanência do agricultor no meio de origem, permite valorizar a sua história, os seus saberes e os torna possuidores de uma identidade diferenciada.

Buscando a compreensão teórica da categoria identidade, Stuart Hall (2006) salienta que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tomando-os “parte de nós”, constitui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam,

tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis (HALL, 2006, p.11-12).

O autor ainda lembra que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13).

Desse modo, tomando por base os conceitos apresentados por Hall ao citar a estabilidade entre os sujeitos e os mundos culturais por estes habitados é que assemelho estes à temática da identidade que é representada através dos livros didáticos.

Já a identidade social está bem conceituada, a meu ver, nas palavras de Rosa (2005), citadas por Anjos e Leitão (2009):

Este conceito explica o caráter de construção da identidade, uma vez que os critérios precisam ser “estabelecidos” e “reconhecidos”. Trata-se de uma construção simbólica. A construção da identidade também diz respeito à apreensão e interpretação da realidade, uma vez que é um processo de representação simbólica, uma tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. Essa construção se dá através de esquemas classificatórios, que permitem distinguir entre “nós” e “outros” a partir de critérios dados. Como interpretação, a representação social da identidade não pode ser tomada como algo definido também. Portanto, não é possível falar em um modo de ser senão em modos de ser. A identidade social é a posição da pessoa em relação à posição dos demais dentro da sociedade (Rosa, 2005, *apud* Anjos; Leitão, 2009 p.58).

Por isso é que se percebe que a fala dos autores remete à questão de identidade ao simbólico e pessoal, compreendendo assim a realidade própria e posicionando-se ao mundo.

A identidade dos atores da educação do campo, de acordo com Caldart (2002) vem compondo a trajetória e construindo a identidade de nosso movimento histórico expresso e vinculado principalmente na luta ao direito de todos à educação. Entretanto, nessa busca constante, o que mais gera conflito é como podemos considerar essa educação: uma educação no campo ou uma educação do campo. Caldart (2002) destaca ainda a educação no campo como sendo o direito do povo a ser educado no lugar onde vive e a educação do campo como sendo o povo ter o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada aos seus fatores formadores.

Neste sentido, temos presente na nossa realidade a existência de manifestações que vem a somar na afirmação dessa identidade do campo como o

Seminário Nacional por uma Educação do Campo, ocorrido no ano de 2002, na cidade de Brasília. Foram deliberadas neste seminário as principais disposições, mostrando e integrando diversos movimentos e entidades, no sentido de dar continuidade ao trabalho e construção de novas perspectivas para a educação do campo por meio de mobilização coletiva. Desse modo, o intuito deste seminário foi expor e refletir sobre a identidade que vem sendo construída pelos sujeitos que se juntam para lutar “*por uma educação do campo*” (CALDART, 2002).

A temática da educação do campo acentua-se constantemente aos debates em nível de educação. Devo destacar aqui a experiência que tive no ano de 2009, quando participei da Conae¹, representando o segmento aluno do Polo Universitário de Santo Antônio da Patrulha. Nessa ocasião, estivemos reunidos pela Etapa Regional do Litoral Norte e, juntamente aos atores ligados à educação, dialogamos acerca do documento que mais tarde seria referência para o qual poderão ser incluídas temáticas complementares, resultantes das deliberações de cada Conferência Estadual de Educação, a serem aprovadas e efetivadas a contar de 2010.

Na prática social, todas as dimensões são realizadas em um contexto de relações de poder, definições de capitalismo e lutas sociais. Assim, a Conae constitui-se como sendo o espaço social de discussão da educação brasileira, em que os atores envolvidos possuem autonomia e centralidade relacionadas à concepção de educação democrática, considerando as políticas e a prática pedagógica. Saliento, a seguir, as ações escritas no documento-base Conae 2010 (essas em prol da superação das desigualdades educacionais entre o urbano e o rural), que deverão ser asseguradas mediante a criação de políticas públicas:

No Artigo 281, parágrafo III - Quanto à educação do campo, se estabelece:

a) Superar as discrepâncias e desigualdades educacionais entre o urbano e o campo, mediante políticas educacionais de caráter afirmativo, a fim de corrigir desigualdades históricas impostas a esse segmento;

b) Consolidar uma Política Nacional para a Educação do Campo, a partir do documento “Referências para uma Política Nacional da Educação do Campo” (MEC/Secad) e em diálogo com os movimentos sociais do campo;

1 Conae (Conferência Nacional de Educação) – CONAE 2010: Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, suas Diretrizes e Estratégias de Ação.

c) Garantir a oferta da educação do campo no país, levando em consideração a diversidade e as desigualdades regionais;

d) Ampliar o acesso à escola do campo de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos residentes nas zonas rurais, em todos os níveis da educação básica e na educação superior;

e) Criar e manter as escolas do campo de acordo com os padrões básicos de infra-estrutura, que contemplem: transporte escolar intercampo, equipamentos tecnológicos de informação, comunicação e agrícolas, material didático, acervo bibliográfico, quadra esportiva, laboratórios, salas de aula adequadas e equipadas;

f) Implantar e efetivar políticas públicas de educação do campo que respeitem e valorizem o meio ambiente, contemplando currículos específicos para os diversos níveis e modalidades, priorizando escolas de tempo integral;

g) Viabilizar as modalidades, como educação de jovens e adultos (EJA), para o homem e a mulher do campo, nas localidades onde vivem e trabalham, respeitando suas especificidades quanto aos horários e calendário escolar;

i) Garantir o cumprimento da legislação para a educação no campo (Art. 28, da LDB: calendário, metodologia, conteúdo, avaliação), voltada às práticas agroecológicas, à iniciação, à pesquisa científica e atividades desportivas e socioculturais.

Destaca-se também o intuito desse documento em prever uma organização de produção visando à sustentabilidade, como se refere o Artigo 283, parágrafo V - Quanto à educação ambiental, que diz:

j) Assegurar a compra direta da merenda das escolas públicas com o agricultor familiar e as organizações familiares, produtoras de alimentos orgânicos e agroecológicos, utilizando recursos federais, estaduais e municipais, como uma ação de implementação de educação ambiental.

Portanto, enfatizo a abertura de espaços democráticos que dialoguem sobre a construção de diretrizes, para que se façam cumprir as medidas de política nacional da educação e dos seus marcos regulatórios.

Somente assim é que ocorrerá a real constituição da identidade na perspectiva da inclusão, igualdade e diversidade do ator social rural possuidor de sentimentos, articulações e ações de pertencimento local. Por isso é que se destaca a importância da realização de diálogos e articulações de forma grupal, pois as

políticas públicas são aqui compreendidas como elo para a participação e a caracterização da identidade, principalmente a identidade dos atores do campo.

1.2- PERSPECTIVAS, TENDÊNCIAS E AS AÇÕES DE PRÁTICAS SÓCIO-EDUCATIVAS DO CAMPO.

Tomando como referência os estudos de educação rural acredito ser possível destacar o enfoque atual com uma preocupação relacionada aos problemas na concretização da educação do campo, os anseios e às perspectivas de uma população.

A Constituição Brasileira assegura e enfatiza a obrigatoriedade do ensino fundamental para todas as crianças, mas além do dispositivo legal, é preciso deixar as teorias e, na realidade, proporcionar e manter o acesso desses educandos para a instituição educativa. Desse modo, cito Freire (1979):

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade [...] (Freire, 1979, p.93).

Nosso conhecimento empírico explicita que as escolas do campo, com ensino fundamental, acabam se tornando espécies de polos, abrangendo diversas comunidades que, evidentemente, acabaram tendo suas escolas fechadas. No intuito de buscarem a igualdade, acabam desenvolvendo métodos de ensino que se igualam aos conteúdos e às práticas de uma escola urbana. Conseqüentemente, acabam deixando de lado o respeito à sazonalidade do campo e às suas especificidades.

Deste modo, os anseios do povo são expressos nas estrofes da poesia “A educação que buscamos”² :

“...Será que o mundo moderno
Chamo a atenção do senhor
Que trouxe para a vivência
O papel de educador

² A educação que Buscamos: poesia de Aureleano Prado Pires, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco de Assis, Secretário da Regional Sindical Santa Maria e participante do 4º Seminário de Educação. Disponível na Revista Educação Rural Ano II- Nº2- Set/2006.

Pois a educação que temos
Não serve para o agricultor...

...não serve essa formação
Do povo lá da cidade
Queremos algo de novo
Que transforme a sociedade
Uma educação voltada
Para a nossa realidade..."
(Aureleano Prado Pires)

Desse modo, a poesia de Pires vem ao encontro do posicionamento da escola de estudo, pois ambos anseiam por uma educação do campo que reafirme seus educandos como filhos de agricultores e que estimule a permanência desses como tal.

Devo abordar também a tendência acenada pelos movimentos sociais rurais, afirmando que os movimentos sociais do campo vêm realizando ações com vistas à construção de uma escola pública sintonizada com os interesses dos seus beneficiários, os camponeses (Damasceno, 1995, 1998; Brandão, 1997; Furtado, 1998; Caldart, 1995).

Na luta, segundo afirmam os autores, esses atores do campo acabam descobrindo, a seu modo e a seu tempo, que a escola é um espaço público onde existe a convivência fora da vida privada, mas, da mesma forma, deve-se estar aliada a participação ativa da família e da comunidade, inserida ao processo de aprendizagem que os ensina a participarem da vida social. (Damasceno, 1995, 1998; Brandão, 1997; Furtado, 1998; Caldart, 1995).

A luz para o povo do campo, acima de tudo, é oriunda da educação a que lhes é concedida. Entretanto, esse povo está cada vez mais ciente de que ainda não é suficiente. As pessoas sabem que ainda se pode compartilhar de uma educação ainda mais condizente com a realidade do meio rural, para que esse povo impulsione a busca pelos seus direitos e empreendam as lutas apropriadas do saber de sua cultura.

As escolas rurais encontram-se em período de adaptação sócio-curricular, que vai desde a extinção gradativa das séries, passando a ter do 1º ao 9º ano, como a reelaboração de seu Projeto Político Pedagógico. Com essas perspectivas, almeja-se articular o processo do saber local e histórico da mesma forma com que se incluem as práticas pedagógicas, trabalhando conteúdos a serem utilizados no dia a dia, formando a população **Do** campo e não apenas a população **No** campo.

Assim, a Educação do campo é “semente que se forma planta pelo nosso cultivar” (Seminário Nacional por uma Educação do Campo, 2002). Conforme Arroyo (*apud* Molina; 2006):

A escola não move o campo, mas o campo que queremos não irá se mover sem a escola. Não nos basta a visão idealista de que só a educação muda o mundo. Mas, com certeza, para construirmos um novo meio rural será necessário a contribuição de uma educação renovada e renovadora (ARROYO, *apud* MOLINA 2006, p.98).

A escola deve conter educadores que compreendam que educação do campo é formar sujeitos do campo e não para migrarem para a cidade, bem como, para despertar conhecimentos dos direitos e das ações por políticas públicas. Conforme Damasceno (1998),

A escola deveria preparar o aluno para não aceitar essa situação onde poucos têm muito e a maioria não tem nem o que comer (...) sei que é difícil, mas a escola devia se preocupar com o trabalho da gente, que dá duro todo dia; penso que as professoras e os trabalhadores juntos podiam fazer uma escola diferente (DAMASCENO, 1998, p. 140).

Pensando uma escola diferente, ao que o autor se refere, consigo visualizar a importância dos estudos que abordam a realidade da educação a qual é ofertada na atualidade, ouvindo os anseios dos atores rurais envolvidos. De fato, há muitas lacunas ainda persistentes, mas pressuponho, com isso, voltar o foco às necessidades e às fragilidades que ainda persistem no sistema educacional do campo. É importante trazer os relatos do que deve ser mudado, partindo das concepções de atores do meio rural. É um papel social planejar e conseguir, por meio de ações articuladas, o encontro de novos caminhos.

Vivenciando as perspectivas mais recentes, não posso deixar de enfatizar que, através de um decreto³, assinado em 04 de novembro de 2010 pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, afirma-se o propósito do Estado Brasileiro em melhorar a educação no campo pela regulamentação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera).

3 Decreto noticiado no sítio www.brasiliaconfidencial.inf.br. Conforme o Ministério da Educação, esse programa visa garantir energia elétrica, água potável, saneamento básico para as escolas, promoção da inclusão digital com acesso a computadores, conexão à internet e às demais tecnologias digitais. (Acessado em 01 de janeiro de 2011).

Essa medida, diante de tantas ações a serem realizadas, contribui de forma significativa e corporativa para que as escolas tenham melhores infraestruturas, higiene e participação social necessária a inserção dos educandos na realidade educacional, para onde caminha a inclusão no âmbito tecnológico.

1.3 - A IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL, CONCEPÇÕES E USO DA PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA.

Tendo em vista a necessidade da permanência do agricultor no meio rural, abordo a forma com que estão sendo realizados trabalhos em prol da identidade rural do povo que era estigmatizado e excluído.

A Casa Familiar, por exemplo, não é só o espaço físico onde se situa a Escola Familiar Agrícola (EFA), mas também o espaço familiar/comunitário, porque os dois ambientes estão interligados, e até mesmo o prédio constitui-se um padrão arquitetônico e sócio-cultural de acordo com a realidade regional.

Segundo Zamberlan (1996), a casa da Escola Familiar busca a coerência com as necessidades pedagógicas das demais escolas. Entretanto, é constituída e construída pela comunidade local, pelas ações grupais que angariam recursos financeiros e mão-de-obra aliada aos repasses da Prefeitura, do Estado e de entidades que se fazem parceiras. A história da educação rural aponta o uso da pedagogia da Alternância com o objetivo de colocar em prática uma nova teoria sobre a educação popular. A prática da Alternância é iniciada pelo padre Abbér Granereau, no interior da França, em 1935, fundando a primeira “Maison Famille” ou Casa Familiar.

Conforme Zamberlan (1996),

O pequeno pedaço de terras da EFA observa as seguintes finalidades: a) produzir alimentos para a EFA, o excesso vai para o mercado: frutas, verduras, cereais, carnes (principalmente de pequenos animais), leite, etc, para ajudar o custeio da EFA; b) enriquecer o programa curricular da pedagogia da alternância, proporcionando aos alunos alguns momentos de observação direta de aspectos biofísicos e técnicos (ZAMBERLAN, 1996, p.8).

De acordo com Gimonet, a alternância ao penetrar as práticas pedagógicas e educativas constitui uma situação que deve abordar o campo de formação, pois,

conforme o autor, “é sempre um ser humano que está no centro do debate” (GIMONET, s/d)

O autor também faz pensar de forma ampla que, em grupo, representa-se um espaço maior na construção de personalidade, do aprendizado social, do cognitivo partilhar de saberes em atos pedagógicos. Desse modo, a vida no campo também ensina. A Pedagogia de Alternância contribui para a formação da identidade sócio-cultural desses atores, que ao dar sequência a esse trabalho, vem sendo reconhecida, recebendo a certificação do Ministério da Educação (MEC).

A Pedagogia de Alternância busca a contenção das disparidades nos índices de êxodo rural, principalmente ao que se refere aos mais jovens. Conforme Mello Neto (s/d) apresenta no texto “*Educação popular em economia solidária*”:

A condição de aprender - o *fato pedagógico* - terá maior adequação ao expressar a relação do humano com o mundo mesmo, baseada nas dimensões do *trabalho*. Este é o ponto de partida que parece necessário para uma educação que se pautar pelos interesses dos participantes dos *empreendimentos solidários populares*, considerando que o trabalho é a fonte de sua existência. Essa anterioridade concreta do mundo em processos educativos fundamenta-se no aspecto de que o conhecimento das coisas concretas, como ponto de partida, pode incitar as forças humanas à promoção de mudanças devido o seu alcance do conhecimento daquilo que lhe é mais próximo e contraditório (MELLO NETO, s/d).

O sentido da formação por Alternância está expresso na forma com que se alternam as atividades habituais do ensino-aprendizagem, articulando diferentes momentos na formação. Conforme Rodrigues (s/d)⁴.

Os alunos tem as disciplinas regulares do currículo do Ensino Fundamental e Médio, além de outras voltadas à agropecuária. Quando retornam para casa, devem desenvolver projetos e aplicar as técnicas que aprenderam em hortas, pomares e criações (RODRIGUES, s/d).

A relação entre os educandos e a natureza deve condizer com a aprendizagem. Apresento isso como uma forma de ver além do concreto, ou seja, saber e ter as percepções da formação e preservar o sentido natural dos seres. Concordo com Caldart (2002), quando este apresenta que:

Aprender a tratar das sementes como ‘patrimônio da humanidade’, cuidar das águas, lutar pela soberania alimentar; aprender do processo de

4 Texto Disponível no site- <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/salvacao-lavoura-497826.shtml> . (Acessado em 01 de janeiro de 2011).

fecundação da terra algumas lições de pedagogia: cuidar da semente pra que a vida nos dê flor; educação também como cultivo, intencionalidade de acompanhamento, persistência (CALDART, 2002 p.132).

Além disso, faz-se referência a Nascimento (2006), que afirma: “é necessário conceber e idealizar uma pedagogia que seja verdadeiramente a ciência de formação do trabalhador na sua dupla função de trabalhador e de homem” (NASCIMENTO, 2006, pg. 11).

Portanto, diante às percepções acerca dos temas abordados é que se vê o papel fundamental da participação e formação com caráter pedagógico característico na identidade sociocultural, pois são nesses homens que o sentimento agrega valor ao trabalho.

1.4 - O USO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Acredito fazer-se necessário apontar a contribuição dos livros didáticos no processo de formação dos atores sociais. Podemos destacar inicialmente a carência de conteúdos voltados à identidade rural em relação aos exemplares específicos para o uso didático em sala de aula. Por terem abrangência nacional e não regional, esses materiais dão destaque aos fatos principais e mais marcantes nas grandes regiões do país.

Segundo Verceze e Silvino (2008), a educação escolar caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica, se estabelecendo entre o conhecimento prático e teórico. Citando esses autores, busco explicar sobre o início da história do livro didático no Brasil. Assim,

Ao nível oficial e regulamentado, se iniciou com a Legislação criada em 1938, pelo Decreto Lei 1006. Nessa época o livro era considerado um instrumento da educação política e ideológica, sendo o Estado caracterizado como censor no uso desse material didático. Os professores faziam a escolha dos livros a partir de uma lista pré-determinada na base dessa deliberação legal. O artigo 208, inciso VII, da Constituição Federal do Brasil, define que o livro didático é um Direito Constitucional do estudante brasileiro (VERCEZE; SILVINO, 2008, p. 339).

Quanto ao apoio que proporciona o material pedagógico, os autores citam a LDB 9394/96, a qual diz:

Art. IV, Inc.VII, faz menção sobre os programas de apoio material pedagógico: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante garantia de atendimento do educando no Ensino

Fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático” (VERCEZE; SILVINO, 2008, p.339).

Sobre a relevância do livro didático, Furtado em “A Relevância do Livro Didático da Construção do Currículo de História do Ensino Médio Planificado pelos Professores da Educação de Jovens e Adultos” cita Abud (2007) que afirma que cabe a abordagem da forma com que esses são instrumentos pelos quais o Estado busca regular o currículo. À praticidade dos livros, pode ser vista também a praticidade ao ensino. Entretanto, cabe apontar para a escolha desses, pois conforme Furtado faz referência a Abud (2007), eles são “os mais poderosos instrumentos na produção do currículo no cotidiano escolar” (Abud, 2007, p. 115), sendo os mesmos, em muitos casos, os sustentadores da prática pedagógica, permitindo ao professor ser apenas um mero executor de atividades.

Desse modo, o livro não deve ser considerado como única fonte de conhecimento, sendo importante salientar que a formação dos professores é indispensável para que esses tenham uma dinâmica que não aprisione o educando ao livro.

Concordo com Ritter e Carvalho (s/d) ao citarem Mariza Lajolo (1994), que define livro didático e sua importância:

Didático é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e assistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva o que se ensina e como se ensina (RITTER; CARVALHO, s/d p.434).

Sobre o mesmo assunto, Carlota Boto (2004) mostra a Cartilha Nacional, a partir da ideia de Aulete (1873), fazendo referência a participação dos pais no processo educativo naquela época:

Advertência importante: os pais devem auxiliar os esforços do professor, fazendo com que seus filhos copiem em casa a lição que deram na escola, interrogando-os depois sobre a significação de algumas palavras ou frases dessa mesma lição ou sobre qualquer outro assunto que lhes seja mui familiar para os exercitar a falar (Aulete 1873 *Apud* BOTO, 2004, p.508).

Repensando o uso do livro didático é que vejo neste uma poderosa peça na construção das identidades; entretanto, percebo que nem sempre esta peça encontra-se moldada ao encaixo construindo uma bela forma. Desse modo é que se

faz necessária a observação da realidade para buscar entender que os livros operam como mediadores para gerar novas alternativas de trabalhar em sala de aula, mas que não se obtém como amigo frequente e fiel do educando por não acompanhá-lo em sua realidade.

CAPÍTULO II - O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

Neste capítulo, apresento o contexto estudado e, de forma específica, realizamos abordagens ao município de Santo Antônio da Patrulha e a sua comunidade da zona rural, relacionando-as aos fatores históricos de formação e à constituição com bases na educação.

O município de Santo Antônio da Patrulha é um dos quatro primeiros municípios a serem formados no estado do Rio Grande do Sul. Sua colonização predominante era de origem açoriana, sendo sucedida pelos italianos, alemães e poloneses. Os registros históricos municipais mostram que em 1760 o local deixou de ser Freguesia e em 1809 passou a condição de Vila. Apenas em 03 de abril de 1811 é que os registros municipais mostram a instalação do município de Santo Antônio da Patrulha. A origem da denominação do município dá-se em função da existência de patrulhas instaladas neste território com o principal objetivo de realizar a cobrança de impostos para a Coroa. Santo Antônio da Patrulha, juntamente a Rio Grande, Rio Pardo e Porto Alegre, formam os quatro municípios mais antigos do Rio Grande do Sul. (Prefeitura Municipal, 2011).

Por volta de 1760, casais açorianos habitavam o município, alguns na condição de refugiados de Rio Grande devido à invasão dos espanhóis. A partir de 1743 é que foram distribuídas as primeiras sesmarias que contemplavam os paulistas e lagunistas, tendo por local os Campos de Tramandaí. Em 1771, o Governador da Capitania foi ordenado a assentar 28 casais açorianos em Santo Antônio da Patrulha, dando-lhes as chamadas DATAS⁵. Também, não se pode deixar de registrar a presença de coletividades indígenas nesse território, o que era decorrente de capturas ou de fugas, sendo esses originários das etnias Carijó e Arachãs, membros da grande Nação Guarani. (Prefeitura Municipal, 2011).

Desse modo, através da história oficial, vemos a constituição deste povoado, em que os campos do Litoral Norte eram considerados propícios à criação e ao desenvolvimento do rebanho bovino e equino.

Abordando os fatores agrícolas, é possível citar a solidificação da agricultura de subsistência e produção de trigo, mandioca, entre outros produtos. Devido a condições de clima e solo favoráveis, impulsionou-se neste período a economia do

5 DATAS eram pedaços de terra de tamanho variável.

povoado, em estágio de formação, com a crescente produção de cana-de-açúcar e seus derivados, como a aguardente. Existem registros de engenhos fixados por volta de 1800, que na atualidade se expandem em qualificação de mão-de-obra, em variedades e em nichos de mercado comercial.

Apresentando os dados de localização, temos o município de Santo Antônio da Patrulha (Figura1) como unidade federativa do Rio Grande do Sul, mesorregião da região metropolitana de Porto Alegre (IBGE, 2008). Os municípios limítrofes são: Rolante, Riozinho, Viamão, Capivari, Osório, Caraá, Taquara, Glorinha e Gravataí. Está distante a 73 km da capital do estado, Porto Alegre. Como principais acessos, destacam-se a estrada BR 290 e a RS 030, que proporcionam ligação com a capital e, através do município de Osório, com o restante do país, pela estrada BR101. Já pela estrada RS 474, o município faz ligação com Rolante, Taquara e a Serra Gaúcha.



Figura1 - Localização de Santo Antônio da Patrulha no Rio Grande do Sul⁶

Quanto à caracterização geográfica, o município possui a área de 1.048,904 km², com população de 39.679 habitantes (IBGE, 2010), densidade de 36,1 hab./km², possuindo a altitude de 131 metros. A temperatura média anual varia entre 23.8° C e 15.4° C. As chuvas são bem distribuídas ao longo do ano, com médias mais altas no mês de setembro (EMATER 2010). A região apresenta pouca incidência de geadas, sendo o vento nordeste predominante. A vegetação é de campos e de mata subtropical com existência de morros e várzeas.

6 Disponível em <http://www.santoantoniodapatrulha.rs.gov.br/prefeitura> (Acesso em 03 de janeiro de 2011).

Os indicadores econômicos apontam o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,77 (PNUD/2000), possuindo o PIB de R\$ 304.711 mil (IBGE, 2005) e o PIB *per capita* de R\$ 7.905,00 (IBGE, 2005).

A divisão hidrográfica do município está realizada por duas bacias hidrográficas. Na área plana formada na grande planície lacustre, característica do Litoral Norte do RS, encontra-se a Bacia do Rio Gravataí, cuja nascente localiza-se no banhado do Chicolomã, sendo alimentada por dois arroios que cortam a área urbana. A Bacia do Rio dos Sinos corta o Município, mas é originária no Município de Caraá e suas águas são utilizadas para agricultura e pecuária.

Santo Antônio da Patrulha possui uma formação geológica composta em sua maior parte de rochas basálticas, com uma pequena parcela de formação arenítica e zonas de transição. O solo tem predominância argilosa e Ciríaco-Charrua, o que propicia uma ótima fertilidade. O relevo tem diferentes formações, desde a planície litorânea constituídos por gramíneas, explorado pela criação de gado e produção de arroz irrigado, terreno ondulado, até mesmo montanhoso, em altitudes que variam entre 200 e 800 metros de altitude.

A região que foi colonizada por descendentes de açorianos e também por afrodescendentes, ainda possui fortes traços culturais dessas etnias, retratadas principalmente na sua culinária e na grande produção de derivados da cana-de-açúcar, que nesta região são transformados da forma tradicional e rústica, em engenhos que ainda possuem a tração animal como força empregada, tanto no cultivo como no beneficiamento de seus produtos. A produção é geralmente comercializada para as grandes fábricas de rapadura, sendo o melado o produto mais comum. A maior parte das famílias cultiva, apenas para o autoconsumo, alimentos como batata doce, aipim, feijão, abóbora, entre outros. Iniciando pela agricultura de subsistência, a história do sistema produtivo no município caracteriza-se por ciclos importantes:

- O ciclo da cana-de-açúcar: período em que mais de seis mil hectares no município foram destinados a produção de cana, servindo de sustentação a Agasa (indústria de açúcar). Devido ao uso excessivo do solo, iniciado nas décadas de 1960 e 1970, hoje a região sofre com grandes impactos ambientais ocorridos pelo desmatamento. Ainda muitos produtores sobrevivem com fábricas de rapaduras e engenhos que estão na grande maioria aderindo às normas da legislação e possuindo a certificação para poder produzir.

- O ciclo do arroz: período que transformou, da simples lavoura até a geração e a criação de cooperativas que auxiliam os produtores na armazenagem e comercialização do produto. Atualmente, a região apresenta-se como grande produtora de arroz irrigado, o que por sua vez consome grande quantidade de água, captada do Rio dos Sinos e do Rio Gravataí. Continua ocorrendo o domínio sem preservação do homem sobre a natureza, principalmente em períodos de estiagem, pois a maioria dos arroios e nascentes não apresenta mata ciliar e a maioria das propriedades não cumpre com a legislação ambiental vigente.

- O ciclo do turismo: está expandindo-se cada vez mais através da passagem de turistas pelo município, pois a cidade se localiza entre a capital, Porto Alegre, e o Litoral Norte do Estado. O turismo também está se concretizando na existência da Rota da Cachaça e da Rapadura, no estabelecimento de pousadas e de cafés coloniais, característicos dos hábitos açorianos, além da natureza e dos atrativos religiosos do interior.

- O ciclo metal-mecânico: implantação de indústrias de médio e grande porte, incluindo-se o surgimento de várias fábricas de sapato e, atualmente, a diversidade econômica e cultural que sinaliza o início de uma nova era no desenvolvimento local. (Prefeitura Municipal, 2011).

No momento, o município mostra-se dividido, conforme mostra a Figura 2, em que a migração do campo para a cidade vem ocorrendo ao longo dos anos e, desta forma, vem aumentando gradativamente a população urbana e diminuindo a população rural.

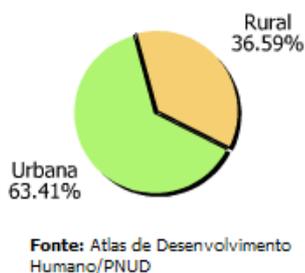


Figura 2- Gráfico 1: População rural e urbana no município

O setor agropecuário registra 2.939 estabelecimentos, ocupando 8.507 pessoas em uma área de 79.726 hectares (IBGE, 2005).

Em termos de educação, nos últimos anos houve mudanças significativas proporcionadas pela qualificação dos profissionais dessa área, o que acarretou um

aumento do índice da aprovação dos educandos. Atualmente, o município atende a 10 escolas municipais de Educação Infantil e 17 escolas municipais de Ensino Fundamental, sendo 13 escolas na zona rural e 14 na zona urbana, atendendo a 2.981 alunos da rede municipal. (Censo Escolar INEP 2010).

2.1 A COMUNIDADE DE CHICOLOMÃ E A ESCOLA ÉRICO VERÍSSIMO

A comunidade de Chicolomã está localizada no 6º distrito (Figura 3), aproximadamente a 20 km da sede do município. Possui uma população predominante de luso-brasileiros e negros, composta de aproximadamente 60 famílias, na maioria delas, filhos de agricultores que dão continuidade às atividades agrícolas da propriedade ou aposentados que vieram da cidade.



Figura 3-Mapa localizando os distritos do município

A história do nome da localidade, de acordo com os relatos dos moradores mais antigos, tem sua origem com um senhor chamado Francisco, popularmente conhecido como “Chico”, que morava em uma simples casa nas proximidades do rio, situado na localidade. Na época não havia ponte, e o rio, nas cheias, dificultava o acesso dos moradores e viajantes. Esse homem, Chico, sempre ajudava as pessoas na travessia do rio, utilizando o cavalo, que chamava de Lumã. Assim, com o passar do tempo e a fala popular, o local era identificado. Todos falavam no Chico e no Lumã, o que passou ao registro atual de Chicolomã.

Atualmente, os acessos são feitos por estradas com pouco movimento de veículos e em condições precárias de conservação. A região apresenta um clima subtropical, possui solo arenoso e em partes alagadiças, característica dos

banhados, e também possui campos de várzeas. É rica em diversidade de fauna e flora. A referência ao local encontra-se devido a estar localizada em uma Área de Proteção Ambiental Estadual (APA), a qual abriga o conjunto de banhados formadores do Rio Gravataí: Banhado do Chicolomã (Santo Antônio da Patrulha – Figura 4), Banhado dos Pachecos (Viamão) e Banhado Grande (Gravataí e Glorinha). A região caracteriza-se pelo desenvolvimento da criação de bovinos, além de também existir o cultivo de arroz irrigado, o que é praticado em grande escala, por ser essa região de terras férteis, devido à grande umidade.



Figura 4: Banhado Grande, foto da pesquisadora.

Através da Figura 5, estabeleço como referência a estratificação social por escala da comunidade, apresentando o número estimado dos estabelecimentos. Assim, pode-se constatar que os maiores números de estabelecimentos possuem áreas de 0 a 10 hectares, o que corresponde à menor parcela das áreas desta comunidade. Ao compararmos os demais estratos, fica visível a desigualdade existente na pequena localidade, onde as maiores quantidades dos estabelecimentos rurais correspondem às menores quantidades das áreas, isto é, grandes quantidades de áreas em mãos de poucos.

Estabelecimentos Rurais		
Estratos área total (ha)	Quantidade	Total de área (ha)
De 0 a 10	46	120,81
De 10 a 50	35	872,87
De 50 a 100	10	731,26
De 100 a 300	08	1282,48
De 300 a 500	01	497,00
Acima de 500	01	819,20
Total: 101 Estabelecimentos		Total: 4323,62 (ha)

Figura 5: Gráfico 2 - Estratificação Social por escala de tamanho do estabelecimento ha. Fonte: Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul – Sitagro - Situação em julho de 2008. Elaboração da tabela pela pesquisadora.

Dedico-me, deste ponto em diante, a caracterização da Escola da comunidade, que será objetivo de estudo para a elaboração deste trabalho. É importante abordar a longa trajetória que levou ao atual ensino desempenhado por este estabelecimento.

Os moradores mais antigos contam que em meados de 1940 não havia escolas, a comunidade era formada por fazendas, e que os proprietários eram os que contratavam as professoras. Em Chicolomã, este fato ocorreu inicialmente na casa dos senhores Marcírio Machado e Antônio Laureano da Cunha Filho, em 1944, na propriedade de Astrogildo Peixoto. Em 1945, as aulas passaram a ocorrer no salão paroquial da comunidade. No período de 1946 a 1950, ocorriam na propriedade de Valdevino Gomes da Silva.

A atual escola já teve vários nomes: E. M. Cândido de Barros, Escola Getúlio Vargas, Escola Rural de Chicolomã e, em 1979, E.E. de 1º Grau Inc. Érico Veríssimo. Em 05/06/1956 a escola foi oficializada pelo Decreto Estadual nº 7.077/56, pertencendo ao estado.

É importante destacar os atos legais que incorporam a Escola no Sistema de Ensino estadual e que se encontram devidamente documentados e arquivados na escola:

- Parecer CEED nº 1.052/96 e a Portaria SE nº 272/96, que transferem a manutenção da Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Érico Veríssimo para este município, e o decreto nº 7137/96, que incorpora Escola Estadual na rede municipal de ensino;

- Parecer CEED nº 1.166/97: autoriza o funcionamento de 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino fundamental na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Érico Veríssimo. Determina a devolução do expediente, após a expedição do parecer à comissão de Ensino de 1º Grau;
- Decreto nº 7.829/98: altera denominação de Escola pública do município de Santo Antônio da Patrulha;
- Parecer CME nº 09/99: cadastra a Escola no Sistema Municipal de Ensino;
- Parecer nº 003/2004: aprova proposta de aceleração de estudos nas séries iniciais noturno, Etapa I (1ª ou 2ª série) e Etapa II (3ª ou 4ª série);
- Parecer nº 001/2009: aprova alteração na organização do tempo escolar da 5ª a 8ª série, com vigência de março de 2009 até 31 de dezembro de 2015 quando se extingue o regime seriado, organizado em série na referida escola.

Atualmente, tomando por base o ano de 2010, a escola oferece o Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais, 1º ano à 8ª série e a Etapa I (Aceleração de Estudos Noturno para adultos).

A escola está inserida em uma comunidade pequena, porém unida, solidária e participativa. A comunidade acredita na escola como um caminho que levará ao conhecimento e crescimento profissional para seus filhos.

Sendo Chicolomã o centro do 6º Distrito, facilita o acesso das outras localidades que formam a comunidade escolar Érico Veríssimo, sendo estas: Barrocadas, Morro Grande, Rincão do Capim, Tapumes, Lombas e Esquina dos Morros (Figura 6).

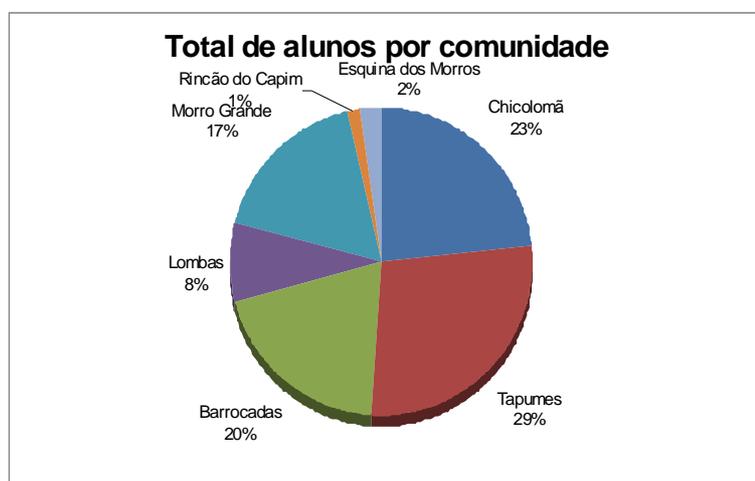


Figura 6-Gráfico 3- Total de porcentagem dos alunos por comunidade, elaborado pela turma da 3ª série/2010.

A maioria dos pais dos alunos destas comunidades são agricultores, sobrevivendo por meio da agricultura, alguns desenvolvem atividades nas lavouras de arroz e outros na pecuária, por isso valorizam as suas terras.

A Escola possui prédio próprio (Figura 7), possuindo 5 salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, uma despensa, uma sala de professores, um saguão, uma biblioteca e dois banheiros (um masculino e um feminino) de uso dos alunos e professores. Quanto ao espaço físico, nota-se a necessidade da construção de mais banheiros, para atender uma clientela em torno de 100 alunos, além de uma biblioteca maior. Há a necessidade de uma pracinha, um campo de futebol gramado e adequado e a construção de uma área coberta, para que os alunos desenvolvam as atividades esportivas.



Figura 7-Escola Érico Veríssimo- foto da pesquisadora

Partindo da realidade por mim vivenciada na comunidade e na escola referida, dediquei-me ao estudo desta, para desenvolver o presente trabalho de conclusão tendo como eixo temático a Educação do Campo.

Como referência para a escolha de uma turma, observei, perante as concepções da Escola, qual a identidade que esta deseja construir e, de forma específica, foi analisada a proposta contida no Plano de Estudos dos anos iniciais da escola. Desta forma, o Plano de Ensino para a turma aborda o 4º ano, pois as séries estão se extinguindo gradativamente a cada ano. No 4º ano (3ª série), o aluno deverá reconhecer sua identidade atuando no tempo e no espaço, compreendendo que faz parte da comunidade e município. O plano entende que deve oferecer aos alunos as condições para que produzam seus textos de acordo com a sua realidade,

resolvendo problemas do seu cotidiano e, ao mesmo tempo, desenvolvendo um raciocínio lógico matemático.

Diante aos objetivos e das finalidades da escola, posso destacar:

- Aprimorar a realidade já existente, através de um trabalho consciente, participativo e comprometido com o desenvolvimento escolar;
- Seguir o plano global da escola, de acordo com o Regimento Escolar na realidade em que está inserida, envolvendo todos os segmentos da comunidade escolar com a participação na tomada de decisões que levem à melhoria da qualidade de vida do aluno;
- Promover a conscientização da qualidade de vida, da saúde do educando, como direito da criança e do adolescente, tendo em vista, sobretudo, a influência da saúde na aprendizagem do aluno e no seu desempenho;
- Envolver órgãos públicos que contribuam para a melhoria da saúde da criança e do adolescente e que envolvam a comunidade, também, na melhoria do ambiente em que vive o aluno;
- Assegurar, conservar e ampliar o patrimônio público para que, sob forma de material, equipamento favorável, haja melhoria na qualidade do ensino fundamental e no bem estar do aluno (Projeto Político Pedagógico, 2004).

É desse modo que a Escola pretende, ao longo do ano letivo, realizar as ações concretas, buscando integrar a comunidade, a escola e os pais para que juntos consigam a participação e a boa desenvoltura nas ações desenvolvidas através de projetos e na vida familiar.

2.2 OS AGENTES ENVOLVIDOS

Tomando como base desse estudo o ano de 2010, a escola está constituída por 12 professores, incluindo a diretora, uma secretária, uma monitora e três auxiliares de serviços gerais. A coordenação pedagógica é realizada através da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), existindo ainda o Conselho Escolar e o CPM (Círculo de Pais e Mestres). A forma de escolha dos gestores é realizada através de eleição em que participam todos os membros dos segmentos pais, professor, funcionário, alunos de 5ª série a 8ª série ou maiores de 18 anos.

Através da SEMED e do Polo Universitário de Santo Antônio da Patrulha, vem ocorrendo gradativamente a formação continuada dos educadores dessa escola,

tendo o objetivo de promover a valorização dos profissionais em exercício na escola, para que, envolvidos em um processo de participação, transformem a sua atuação em serviço de qualidade.

Desse modo, torna-se pertinente para esta análise o que diz Freire (1996):

Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente (FREIRE, 1996, p.28)

Esses educadores, cada um em sua área específica, realizam, entretanto, uma participação ativa nos projetos de aprendizagem desenvolvidos pela escola, para que, dessa forma, com a união do grupo, construa-se uma escola de qualidade, evidenciando os recursos humanos.

Conforme Gallo (2008), o professor-profeta é o legislador, que enxerga um mundo novo e que constrói leis, planos e diretrizes para fazê-lo acontecer. Deste modo, percebo que este se assemelha ao que Freire (1996) escreve na condição de ser um educador:

2.3 PERSPECTIVAS

Diante da realidade apresentada pela escola, é parte das perspectivas a serem atingidas que a mesma contribua para a construção de uma sociedade democrática, que prepare o aluno para a vida, para que ele possa exercer seus deveres e exigir seus direitos. A Escola se propõe a desenvolver o aluno no processo ensino-aprendizagem, levando-o a construir seu próprio conhecimento, sentindo-se apoiado nas suas próprias descobertas, como agente crítico, mas respeitando seus valores históricos e locais.

Como objetivo, a escola busca promover e conscientizar a comunidade escolar para um trabalho voltado à valorização da identidade do campo, envolvendo-se com questões históricas, culturais, de meio ambiente, higiene e cidadania. Objetivando que ocorra o desenvolvimento crítico, respeita as diferenças de cada aluno, proporcionando as condições para a inclusão ao convívio sócio-escolar, familiar e comunitário de modo harmonioso.

Conforme entrevista com a diretora da Escola, pude perceber esse desejo, que não é apenas dela, mas do grupo:

“Queremos para o futuro um aluno problematizador, questionador, criativo, construtor de inúmeros conceitos sobre a vida e o mundo, com possibilidades de sempre criar novas hipóteses e ideias, com um grande objetivo: o de ser feliz e ter orgulho de pertencer ao meio rural.

Dentre vários fatores que contribuíram para chegarmos a esse diagnóstico, constatamos que o professor da Érico Veríssimo deve ter como grande desafio para o futuro um trabalho de articulador, mediador, com integração afetiva e efetivamente, e que juntamente com todos os alunos consigam realizar suas propostas que venham ao encontro das necessidades e anseios destes, na busca de respostas, construindo juntos conceitos, ocorrendo de fato ricas aprendizagens com valorização, sentimento de pertencimento e muita alegria”. (Denise Guimarães, Escola Érico Veríssimo).

Percebo que, para a concretização deste futuro, os anseios são expressos através desta fala da entrevistada, em relação ao papel da escola: *“Desejo uma escola que ensine a ler, escrever e a calcular a realidade. Que ensine fazendo, isto é, pela prática, que construa o novo, que ensine a realidade local e geral”.*

Nota-se na escola a presença da comunidade em prol de construir a educação do campo quando a entrevistada diz: *“Desejo que toda a comunidade escolar tenha força para mobilização e construção por uma educação do campo, que consiga encerrar com educação urbana como parâmetro a ser seguido, e a do campo como adaptação desta”.*

A Escola tem por perspectiva fazer com que toda a comunidade escolar participe ativamente de todas as decisões quanto às ações a serem realizadas na mesma, identificando os responsáveis por elas e, também, fazendo com que a comunidade local valorize a escola como um todo, para que juntos possam atender as necessidades específicas da comunidade, já que se entende que educação é um processo contínuo, envolvendo a família, a escola e a sociedade, onde o fazer pedagógico do professor no dia a dia do aluno é fundamental. Por fim, acredito que a educação começa na família e que o sucesso da aprendizagem do aluno depende muito da família a qual ele está inserido.

CAPITULO III - ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO E DAS ENTREVISTAS

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Veríssimo, 6º Distrito do Município de Santo Antônio da Patrulha – RS. Foram realizadas consultas a livros didáticos e buscas na internet, proporcionando algumas leituras para aperfeiçoar e complementar meus conhecimentos teóricos sobre o tema.

Como método, apliquei uma análise do material, num dos livros didáticos utilizados pela turma em sala de aula, abordando uma leitura crítica de seu conteúdo, de forma a preservar a estrutura textual e de discurso. Foram analisadas as cinco unidades do livro didático.

Inicialmente realizei a análise de um dos livros didáticos utilizados pela turma de 3º série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Veríssimo.

Como instrumento de análise, escolhi o livro de Geografia, chamado “Geografia para Crianças”, do 4º ano. A autora é Elizabeth Auricchio de Carvalho (2008).

Inicialmente, devo identificar minha forma de análise. Esta será realizada de acordo com cada unidade que compõe o livro. Elas serão analisadas separadamente.

3.1 “UNIDADE 1- CIDADE E CAMPO: AS PAISAGENS”

Nessa unidade, Auricchio (2008) inicia a apresentação das formas diversificadas de paisagens da cidade e do campo. O ícone “Vamos Conversar?”, faz o aluno ter contato com a didática do livro, ao questionar sua opinião: “*Em sua opinião, quais as semelhanças e as diferenças entre as paisagens das duas imagens?*”. Ainda, leva-o a apresentar a sua realidade, com a questão: “*Onde você mora há paisagens parecidas?*” (AURICCHIO, 2008, p.9). Desse modo, gera-se um debate participativo entre os educandos que irão expor essas diferenças de cenários, bem como a realidade que vivenciam para posterior reprodução de itens associados à cidade e ao campo. O item “Todos Juntos”, na página 11 do livro didático, mostra como pode ser construído um painel coletivo com recortes associados à confecção de um quadro de palavras.

A cidade e o campo apresentam uma vasta abrangência a ser trabalhada. A autora, na página 12, mostra que também os artistas plásticos expressam as peculiaridades através da utilização de cores, linhas e formas de paisagens. Ainda, os cantores e os poetas contribuem para o estudo destes distintos lugares, já que revelam a visão do cotidiano das cidades. Assim, a proposta da atividade “todos juntos” é formar uma roda em que será estimulado aos alunos dialogarem e opinarem diante do que leram na letra da música “Metrópole” (do cantor Renato Russo) (Anexo A), e as estrofes do poema “Pequenas cidades”, de Roseana Murray (2005) (Anexo B).

Estudando o campo por meio dos poemas “Fazenda Próspera” e “Muitos Bois no curral” (Boi, boiada, boiadeiro, de Ruth Rocha e José Antônio da Silva Quinteto), o livro didático instiga os alunos a trocarem ideias em dupla, os questionando: “Os poemas lembram o lugar onde vocês vivem? Por quê?”, “Como o é o ritmo de vida e o trabalho das pessoas que vivem em lugares parecidos com os dos poemas?” (AURICCHIO, 2008, p.18), (Anexo C).

Estimula também para que ocorra a criatividade, propondo a atividade de desenhar, a partir da leitura do poema. A imagem de uma pintura artística, na página 19, também é abordada como fonte de identificação. “Muitos bois no curral”, de 1950, e a pintura de José Antônio da Silva, mostram a identidade da realidade vivida no campo através de cores e formas (Anexo D).

A leitura da paisagem está caracterizada pela autora ao conceituá-la na página 20, onde apresenta as diferenças: *No espaço do campo, também chamado de espaço rural predominam as plantações, as pastagens, as reservas indígenas, as montanhas, as florestas.* Ainda, refere-se à diversidade de cores que visualizamos no campo ao oposto da cidade.

Explicando a origem das paisagens, definem-se estas como o resultado da transformação da natureza pelo homem, pelo trabalho de plantar, criar animais, explorar os recursos naturais. A seguir, na mesma página como atividade em dupla, o objetivo é observar uma fotografia, o que de acordo com algumas questões ocasionará debate entre os educandos:

“Que elementos vocês veem? Como são distribuídos? Como são as formas do terreno? Onde vocês veem maior quantidade de vegetação? O que predomina: pastagens ou cultivos? Existe alguma semelhança entre a paisagem que aparece na fotografia e o lugar onde vocês moram?” (AURICCHIO, 2008, p.20).

O item “*Espaço aberto*” na página 23 aborda os fatores do crescimento das cidades e a dificuldade que ocasiona para percebermos onde termina a cidade e onde começa o campo ou o inverso. Desse modo, há o espaço entre as duas paisagens, onde os elementos se misturam, sendo que geralmente o espaço urbano avança sobre o espaço rural.

Na página 28 o item “*Trampolim*” mostra a paisagem em aquarela definindo paisagem como o conjunto de tudo o que vemos, de todos os elementos que a nossa visão consegue alcançar. O mesmo item realiza um aparato geral desta unidade, lembrando as cores, formas, técnicas utilizadas pelos artistas. Por fim, estimula ao educando a produção da pintura de uma paisagem em aquarela, que consiste na cor que é diluída em água, tomando como referência dessa expressão delicada a obra “*Estação da Luz*”, 2000 (Aquarela de Thomas Lanelli).

3.2“UNIDADE 2- CIDADE E CAMPO: TRABALHO E PRODUÇÃO”

Nessa unidade, Auricchio (2008) detém o conteúdo didático para as diferenças e a importância na forma de realização do trabalho e produção na cidade e no campo.

Também apresenta dois exemplos muito característicos destes ambientes: na página 30 uma foto, “Mulheres trabalhando numa fábrica de bombons na cidade de São Paulo, na década de 1990”, demonstra a cidade. Em contraponto representa-se o campo na página 31 através da pintura “*Colheita de cana I*”, do ano de 2003, pintura de Jocelino Soares. Estimula-se então o debate para o desenvolvimento de atividade e o item “*Vamos Conversar*” questiona o educando: “*Como é o trabalho das pessoas que você vê na pintura acima? Onde ele é realizado? Em sua opinião, quais as diferenças entre os trabalhos que as pessoas estão realizando?*” (AURICCHIO, 2008, p.31).

Na página 32, o trabalho na aldeia Pataxó demonstra uma atividade realizada sem fins lucrativos, onde trabalho e natureza convivem em harmonia e respeito.

Buscando a reflexão, o item “*Só você*” contém trechos do livro “*O povo Pataxó e suas histórias*”, escrito por indígenas da nação Pataxó de uma aldeia em Carmésia – Minas Gerais. Esses trechos expressam um pouco mais sobre essa aldeia, através

do cotidiano da mulher e do homem Pataxó, que também é mostrado na página 33 pelo desenho do calendário das atividades e culturas para cada mês. O item “Espaço aberto”, na página 35, contém o mapa com legenda identificando como os Pataxós transformaram e organizaram o espaço de acordo com o seu modo de viver.

O trabalho a partir da página 36 expressa uma das atividades humanas mais importantes, sendo fundamental para compreender que as paisagens da cidade e do campo são diferentes. Desse modo, são apresentadas fotos e o item “*Em dupla*” busca que o educando reconheça essas diferenças, através de questões como: “*De quais atividades se obtêm produtos diretamente da natureza? Dos produtos da vendinha, quais foram obtidos diretamente da natureza?*”

Dando continuidade a esses questionamentos, na página 39 o item “Em casa” leva essa discussão para a família, pois pede ao aluno a realização de uma entrevista com familiares e vizinhos: “*Nome da pessoa; Tipo de trabalho; O trabalho está diretamente relacionado à natureza?*”

Transformando matérias-primas, é mostrado como exemplo o leite da fazenda à mesa, através de fotos (Anexo E), instigando o educando a responder o item “Em duplas” na página 45 com questões que abordam desde a criação das vacas, ordenhar, processamento e derivados do leite. Além disso, o item “*Espaço aberto*” na página 46 aborda o Código de Defesa do Consumidor, sendo um dos direitos básicos encontrar nas embalagens a data de fabricação e o prazo de validade dos produtos.

Do campo à cidade, na página 50, Auricchio (2008) aborda a questão de como muitas pessoas abandonam o campo em busca de trabalho e de melhores oportunidades na cidade. Desse modo, no item “*Em dupla*” as canções “*Saudade da minha terra*” (Goiá/Belmonte) e “*Último pau-de-arara*” (Venâncio/Corumbá/Guimarães) estimulam a pensar sobre o sentimento de quem fez essa mudança.

Dando continuidade a essa questão de mudança, na página 52 a autora aborda a história de vida, estimulando no educando a realização de uma pesquisa com uma pessoa que deixou o campo para morar na cidade. Ainda, a página 53 faz referência concreta a essa migração, apresentando gráficos com bases nos anos: 1920, 2000 e 2005, com a realidade de que a população urbana aumentou de 16% em 1920 para 82% no ano de 2005.

Finalizando essa unidade, o item “Trampolim” na página 56 apresenta *“Trecho do cordel ABC do Nordeste flagelado, de Patativa do Assaré”*, a vida em verso e prosa expressando o sentimento de quem deixou a família e a terra natal. E ainda, na página 57 no item “Hora do Mapa” apresenta o fluxo das migrações internas no Brasil entre os anos de 1950 a 1999.

3.3“UNIDADE 3 – CIDADE E CAMPO: AS RELAÇÕES”

Na unidade 3 do livro, analiso a forma com que Auricchio (2008) apresenta as relações e ligações de transporte e comunicação entre a cidade e o campo. Inicialmente, na página 58 o item *“Vamos conversar”* nos faz analisar e dialogar sobre as divisões que encontram-se na ilustração da página 59, onde se dividem as paisagens da cidade e do campo.

Dando sequência, na página 60 a autora aborda a origem dos produtos consumidos, através do título *“De onde veio a salada do seu almoço?”* e as fotos: Homem examinando a carga de um caminhão com tomates cultivados no vale do rio São Francisco, Sertão de Pernambuco; Alface cultivada em Ibirité, Minas Gerais. (AURICCHIO, 2008, p.60).

Observando as diferentes regiões produtoras e exportadoras de produtos, no item “Espaço Aberto” da página 62, a autora aborda a questão da trajetória e meios de transportes utilizados para que os produtos cheguem até o destino de comercialização. Ainda, chama a atenção para rótulos e embalagens na página 63, o que é exercitado em atividade no item “Só você”, que remete ao educando examinar o rótulo de um produto identificando os dados apresentados.

Auricchio (2008) aborda a partir da página 64 as principais interferências que ocorrem nas paisagens, sendo essas em decorrência de mudanças nas vias de circulação, decorrentes do trabalho, tecnologia e modificação dos meios de transporte ao decorrer da linha do tempo, conforme ilustrações das páginas 68 e 69.

Pensando nas modificações causadas pelos avanços tecnológicos, a canção “Parabolicamará” (Gilberto Gil, 2001) na página 74 expressa o tamanho do mundo e da terra com bases na tecnologia. Ainda, o item “Espaço aberto” vem ao encontro das consequências dessas tecnologias que encurtam a distância e aceleram o ritmo das atividades. *“A terra aparentemente tornou-se pequena diante das possibilidades oferecidas pelas tecnologias de comunicação”*. (AURICCHIO, 2008, p.75).

Na página 76, a autora retoma o exemplo dos produtos que sofrem transformações antes do consumo, referindo-se, por exemplo, à questão “Da laranja ao suco”. O item “Só você” na página 77 requer atenção do educando ao ordenar as fotos na sequência correta com que ocorre a produção do suco de laranja. Ainda, o conceito para a Agroindústria atribuí, na página 78, a fábricas que transformam os produtos do campo, e que quando instaladas no campo, transformam a paisagem. Assim, a autora explica que o que é produzido no campo para abastecer as agroindústrias é decidido por empresários nas grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Nova York, Londres ou Berlin (AURICCHIO, 2008, p.79).

Finalizando essa unidade, o item “Trampolim” apresenta um município em festa, mostrando “Crianças brincando de bumba-meu-boi em São Luís, Maranhão”, assim, requer do educando a pesquisa de festas tradicionais do município onde mora.

3.4“UNIDADE 4- CIDADE E CAMPO: O MUNICÍPIO”

Na unidade 4 analiso como Auricchio (2008) apresenta as paisagens urbanas e rurais na maioria dos municípios.

Inicialmente, através do item “*Vamos Conversar*” a autora convida o educando a observar e comparar as imagens da página 82 e 83: “*Trecho da avenida Ana Costa, em Santos, São Paulo, na década de 1920 e Trecho da avenida Ana Costa, em Santos, São Paulo, atualmente*” para identificar o que mudou e o que permaneceu diante das mudanças históricas.

Referindo-se à cidade e às mudanças, a autora aborda o tema “um lugar ideal”, e nas páginas 84 e 85 nos mostra a canção “*A cidade Ideal*” (Enriquez-Bardotti- Chico Buarque, para o musical infantil *Os saltimbancos*). Na página 86 a autora estimula para que, de olhos fechados, por meio do pensamento e da imaginação, os alunos expressem no papel a cidade que cada um imaginou.

Dando sequência ao estudo do município, Auricchio (2008) faz pensar a importância do registro fotográfico para estudar os espaços e as paisagens dos municípios, tomando, por exemplo, a vista do município de Peranópolis, no estado de São Paulo, com sua paisagem urbana e rural, na página 87. Outra forma de estudo do município é apresentada pela autora através da confecção de um croqui,

que é definido por ela como sendo um esboço feito com traços rápidos, um tipo de rascunho inicial para um desenho através do qual podemos representar os principais elementos de um lugar, mas sem detalhes precisos. Desse modo, o item “Só você” dá as coordenadas iniciais quanto ao material a ser utilizado, bem como a forma para o educando elaborar um croqui (AURICCHIO, 2008, p.88).

Utilizando o auxílio do mapa “*Adaptado de Atlas nacional do Brasil, Rio de Janeiro, IBGE, 2000*” o item “Só você” na página 90 traz ao educando a visualização dos estados e capitais brasileiras. Ainda, na página 91 o exercício permite a localização no estado em que o educando se encontra, e o item “*Espaço aberto*” apresenta a constituição do território brasileiro abordando estados e os municípios, sendo que estes são formados por órgãos municipais.

Visando a localização, tendo em vista o espaço geográfico, na página 94 Auricchio (2008) apresenta as direções cardeais, e no item “Só você”, com a ajuda do professor, o educando constrói manualmente uma rosa-dos-ventos para poder localizar-se. Ainda, na página 95 o item “*Em casa*” busca exercitar esse material quanto à localização do município no mapa.

Na página 96, o item “Em grupo” gera a pesquisa de imagens do município onde o educando vive, buscando imagens em fontes diversas, identificando todo o material que resultará em um mural. Ainda, o final da atividade será o debate tendo por base as imagens encontradas na referida página do livro didático: “*Curitiba, Paraná; Manaus, Amazonas; Tefé, Amazonas; Salvador, Bahia; Recife, Pernambuco*”.

Buscando conhecer melhor o município onde o educando vive, na página 97 a autora inicia uma pesquisa de informações e dados estatísticos. O item “Só você” apresenta um quadro com dados a serem pesquisados pelo aluno e a serem apresentados à turma. A página 99 faz ampliar os conhecimentos através de uma pesquisa orientada, e o item “Em grupo” apresenta um quadro de itens a serem preenchidos nas páginas 100 e 101: “Área central do município; área rural do município; bairros do município; educação e saúde; serviços básicos; comunicação e transportes; cultura, esporte e lazer; atividades econômicas” identificando nessas as principais especificidades, fragilidades e potencialidades.

Como os municípios são diferentes em sua geografia, na página 102 o item “Só você” convida o educando a examinar fotos de diferentes áreas urbanas do município de Santos para comparar as diferenças e semelhanças entre elas e o

município onde o educando vive. Já na página 104 e 105, vemos que as cidades estão divididas e que essa divisão de espaços nas cidades reflete nas diferenças existentes na sociedade. Desse modo, Auricchio (2008) mostra fotos:

“Bairro de São Miguel Paulista, na cidade de São Paulo, em 2004; Sem água, esgoto e eletricidade, construídas à beira de córregos ou nas encostas dos morros, na periferia da cidade do Recife, estas moradias correm sérios riscos de desabamento e de inundação. Favela da Ilha de Deus, em Recife (PE), em 2007; Condomínios luxuosos e seguros (na cidade de São Paulo, em 2003) são procurados por quem tem muito dinheiro e quer viver longe da agitação e da violência dos bairros centrais”. (AURICCHIO, 2008, p.104-105).

O item “Em grupo” na página 106 remete a uma abordagem mais complexa e reflexiva sobre o município por executar a atividade de elaboração de um dossiê: texto com informações pesquisadas do município, ilustração do que mais chamou a atenção durante a pesquisa, finalizando com a parada de sucesso (programas mais divertidos, pessoas mais famosas e lugares para passear e apreciar a natureza).

De posse de tantos dados municipais, na página 107 o item “Todos juntos” estimula que os educandos façam uma lista dos problemas mencionados no dossiê e uma lista dos aspectos positivos do município. O término da atividade ocorre após discussões sobre o tema: “*Como fazer do município onde vivemos um lugar melhor para todos*”, e envio das listas para os principais órgãos públicos municipais: prefeito, jornal, vereadores.

O carinho pela terra natal também é mostrado pelos poetas e pintores, nas páginas 108 e 109, no item “Todos juntos”, em que Auricchio (2008) apresenta o poema “*O menino e o povoado*”, de Cândido Portinari, o qual se refere à cidade de Brodósqui onde Portinari nasceu, no interior de São Paulo (Poemas, Cândido Portinari, Projeto Portinari/Callis, 1999).

A história do município é muito importante; desse modo, na página 110, o item “Em grupo” procura resgatar um pouco da história onde o educando vive através de fontes de informações: imagens antigas, objetos antigos, entrevistas com antigos moradores, identificação de construções antigas. Desse modo é que o item “Espaço aberto”, na página 111, faz com que se ampliem os conhecimentos para compreender como as paisagens se transformam ao longo do tempo.

Assim, encerra-se essa unidade, onde na página 112 o item “Trampolim” fala sobre o jornal do município como forma de conhecer ainda melhor o espaço onde o

educando vive. Além disso, o item “Hora do mapa” na página 113 representa um recurso para pesquisa e identificação, e principalmente a localização dos municípios.

3.5 “UNIDADE 5- OS COMPONENTES DAS PAISAGENS”

A unidade 5 é a última unidade desse livro didático, onde analiso como Auricchio (2008) refere-se aos componentes das paisagens em suas formas diferentes, cores variadas e na diversidade entre paisagens urbana e rural.

Inicialmente, na página 114, há a letra da música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes (Wea, 1981), que através do item “Vamos Conversar” da página 115 remete ao educando repensar a mensagem que a letra traz sobre a importância da água para a nossa vida. Assim, gera discussões entre o grupo tomando como pontos norteadores: “De onde vem a água que você usa em casa e na escola?”, “É importante economizar água? Por quê?”.

As paisagens que você vê são explicadas nas páginas que sucedem a página 116, onde podemos claramente compreender através da leitura do item “Espaço Aberto”, na página 117, que explica as paisagens sendo formadas pelo conjunto dos componentes naturais e pelos componentes construídos pelo trabalho humano.

Assim, o relevo e as águas do município são estudados no item “Em grupo”, com um quadro para identificação destes no município. Ainda, na página 119, explicam-se os principais tipos de relevo: Planícies: extensões de terra geralmente planas e baixas, formadas pelo acúmulo de materiais (sedimentos) do mar, dos rios, dos lagos, etc.; Planaltos: extensões de terra mais ou menos planas e elevadas em relação às áreas vizinhas; Serras: morros ou cadeias de morros pontiagudos que se destacam nos planaltos; Depressões, áreas baixas e aplainadas em regiões de planalto, em geral próximas aos vales dos rios.

O item “Espaço aberto”, na página 122, mostra exemplos de como o ser humano e os elementos naturais trabalham e ao passar dos anos modificam o relevo terrestre. Na página 123 temos um exemplo mais próximo da realidade do estado do Rio Grande do Sul:

“Ao quebrar nos rochedos, as ondas do mar podem causar desmoronamento e fragmentação. Aos poucos, a costa alta vai sendo destruída. Os ‘pedaços’ de rocha arrastados pelas ondas são levados pelas

águas e, aos poucos, vão se transformando em areia, como você pode ver nesta paisagem de Torres, Rio Grande do Sul". (AURICCHIO, 2008, p.123).

Na página 125 o tema abordado é a vegetação do município, o que no item "Em duplas" é motivado através de pesquisa sobre a vegetação do município onde vivem. O item "Espaço Aberto", das páginas 126 e 127, apresenta as vegetações naturais que ainda existem: mata Atlântica, mangues, floresta amazônica, caatinga, cerrado e o pantanal.

Ao final dessa unidade, na página 132 o item "Trampolim" mostra uma floresta na cidade, o que nos remete a pensar o que na unidade foi apresentado, as combinações de elementos produzidos pela natureza e pelo homem que podem gerar a destruição ou a convivência passiva entre estes.

3.6 - ANÁLISE DA PESQUISA E DAS ENTREVISTAS

Deste ponto em diante, realizo a análise do caso que me propus a estudar. Tomando como referência as entrevistas dos alunos da turma da 3ª série (Anexo F), entrevista da diretora e da professora da turma, busco associá-las com o conteúdo que analisei no livro didático utilizado pela turma.

Inicialmente, detendo-me à opinião da diretora quanto à construção da identidade, que a escola dá ênfase através do processo de ensino-aprendizagem, em que é visível o papel da qualidade de ensino oferecido para a constituição da formação do educando, quando ela diz:

"A escola é um lugar de estudo, trabalho e organização, em que se aprende a decidir, a respeitar o outro, respeitar as decisões do coletivo. Executar o que foi decidido em conjunto, isto é, participação e democracia. Uma escola séria, mas também alegre, em que deve ensinar sujeitos, criadores do novo que, teimosamente, sempre surge". (Denise Guimarães, Escola Érico Veríssimo).

Ainda, vejo também que a aprendizagem deve condizer com aquilo que o educando realmente vivencia, para que este se identifique e saiba opinar diante aos fatos. A diretora diz:

"Buscamos aprendizagem que os alunos produzam na escola e que sirva para eles entenderem melhor o mundo em que vivem. Uma aprendizagem a

partir da realidade próxima da criança e através das experiências práticas“.
(Denise Guimarães, Escola Érico Veríssimo).

Através dos relatos das crianças, pude concluir que estas gostam da escola, dos professores, e que a importância da escola para eles está no fato de ensiná-los a aprender a ler e a escrever. A escola que as crianças desejam é uma escola boa, de boa qualidade, e mencionam que as professoras são boas.

Quando questionados sobre qual a importância da escola Érico Veríssimo nas suas vidas, a aluna “D” (9 anos) diz: *“Ela é importante para sermos alguma coisa na vida”*, o aluno “H” (11 anos) diz: *“Por que eu vou aprender a ler e ter um futuro”*. Entre os pontos positivos da escola é comum na fala dos educandos serem citados: os professores, o aprendizado, a merenda de boa qualidade, alguns dos meninos citam o fato de jogar futebol. Os pontos negativos aparecem na fala quando se referem às condições do campo de futebol e da bola que é ruim. Mencionam o fato de não existir quadra esportiva, e de que na escola não existem condições boas para a prática esportiva, ainda alguns citam a pouca quantidade de banheiros e de bebedouros. A aluna “A” (10 anos) refere-se à biblioteca que é pequena, o aluno “H” (11 anos) cita as brigas que ocorrem durante o jogo de futebol.

Quando questionado sobre a brincadeira que mais gostam, entre as meninas é quase unânime o gosto por brincar de Polly⁷ e pega-pega; entre os meninos a unanimidade é o jogo de futebol. Entre as brincadeiras que ocorrem em casa, as meninas citam: brincar de boneca, Polly, andar de bicicleta. A aluna “C” (11 anos) diz que anda a cavalo. Já entre os meninos as brincadeiras variam: alguns andam de bicicleta, outros jogam vídeo-game, brincam de carrinho, jogam futebol.

Pensando na contribuição do livro didático para o processo de ensino aprendizagem, ao analisar um dos livros utilizados pela turma, o livro “Geografia para Crianças”, do 4º ano, Elizabeth Auricchio de Carvalho (2008) pude notar que o livro, apesar de conter bons conteúdos, não contempla a realidade da comunidade escolar. Vejo isso pela proposta do livro com a temática intitulada “Cidade e Campo” e, no entanto, ao analisar sua abordagem tanto do campo quanto da cidade, encontrei apenas uma referência ao estado do Rio Grande do Sul na unidade 5, no

7 Polly- Polly Pocket é uma boneca com cerca de 9,5 cm de tamanho, foi criada em 1983 por Chris Wiggs que anos depois vendeu os direitos para empresa Mattel. Polly é menor que a maioria das bonecas, mas não foge do padrão de beleza, e como muitas outras famosas bonecas é loira com olhos azuis. Disponível em http://www.brinquedos.com.br/mos/view/Bonecas/Bonecas_Fashion/Bonecas_Polly_Pocket/ (Acesso em 24 de março de 2011).

item “Espaço aberto”, que apresenta exemplos de relevos (p.123) citando a paisagem de Torres, Rio Grande do Sul.

Ainda apresenta a fala sobre a Mata Atlântica original, que em 1500 estendia-se do estado do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte (p. 126). Outra referência ao estado encontrei no Glossário, quando se explica o significado dos campos de Várzea (p.142). Esta referência remete a realidade dos campos da comunidade de Chicolomã, que são muito prósperos para a produção de arroz, característica do sexto distrito, que forma a comunidade escolar da Escola Érico Veríssimo.

No mais, o livro apresenta uma linguagem de fácil entendimento, associa suas abordagens com imagens, fácil ilustração ao educando, a contextualização da maioria dos textos está ligada aos trabalhos de música e pintura. Os textos apresentam vários topos de espaço.

Os aspectos no livro que remetem exclusivamente ao campo podem ser encontrados ao definir a diferença entre as paisagens: “No campo são bem visíveis os pastos, as plantações, as matas, as fazendas e os sítios, as reservas indígenas, as terras desocupadas, os rios, as serras” (p.27).

Também pude notar outro aspecto que expressa a importância dos produtos oriundos da agricultura e pecuária:

“O leite que tomamos geralmente é tirado das vacas, cabras ou ovelhas. Ele pode ser transformado em outros produtos e assim ser consumido de várias maneiras” (p.42)

O livro didático ainda revela traços de recordações na letra do poema “O menino e o povoado” (Candido Portinari, p.108):

*“... E nasci no cafezal de
Terra roxa. Passei a infância
No meu povoado arenoso.
Andei de bicicleta e em
Cavalo de pelo. Tive medos
E sonhei. Viajei no espaço...”*

A relação entre o homem com a natureza que dá o sustento e leva os bens é expressa através da letra da música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes, (p.115):

*“...Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação*

*Gotas de água da chuva
Tão tristes são lágrimas na inundação...*

Quanto ao espaço em que vivemos, o livro aborda as transformações:

“O espaço em que você vive é formado pela combinação de elementos produzidos diretamente pela natureza – como a vegetação, rios, solos, etc. – e de objetos fabricados, isto é, objetos resultantes da atividade humana (ruas, edifícios, agricultura, etc.) no passado e no presente” (p. 130).

Constato, portanto, que as imagens são mais representativas do campo e dos agricultores do que os próprios textos:

“Vista de uma área rural localizada no município de Itapira, São Paulo”. (p.09).

“Desenho de Sarah Ariko, aluna do 4º ano”, A imagem revela o agricultor realizando as etapas importantes da produção: adubar, arar, drenar e irrigar. (p.11).

A fazenda e as criações estão expressas em “Paisagem com touro”, 1925, pintura de Tarsila do Amaral, e o trabalho feminino em atividades agrícolas está representado na pintura “Colheita de arroz”, 2003, de Jocelino Soares, ambas as pinturas na mesma página (p.12).

O campo em versos e a pintura estão juntos em “Muitos bois no curral” (Boi, boiada, boiadeiro, Ruth Rocha e José Antônio da Silva, Quinteto, p.18):

*“A gente quase que esquece
A guerra que tem lá fora.”*

E “Muitos bois no curral”, 1950, pintura de José Antônio da Silva, mostra a típica vida do homem do campo, com os bois, o curral, os cavalos, o cachorro, a casa de moradia, as árvores, a grama verde, o céu azul e com muitas aves, e a família em suas atividades diárias (p.19).

A tecnologia da transformação dos produtos aparece nas fotos: gado leiteiro em Descalvado, São Paulo; ordenha manual e ordenha mecânica e recolhimento de leite de pequenos produtores em Socorro, São Paulo e continuando o processo com as ilustrações da chegada do produto às usinas de beneficiamento (p.44).

A diferença entre o campo e a cidade fica muito visível na ilustração (p.59), que mostra a vida do pequeno agricultor em uma pequena comunidade: casa simples, muitos pastos verdes, árvores nativas, cavalos, vacas, lagoas, plantação, produtos em fase de colheita, poucos automóveis, a mulher alimentando as

galinhas, o homem pescando e homem capinando; um exemplo de vida em tranqüilidade e harmonia.

Os meios de transporte dos agricultores estão mostrados através da evolução de acordo com a linha do tempo: transporte com cavalos, carroças, carretas com juntas de bois, carro, caminhão (p.68 e 69).

A contaminação do meio ambiente é mostrada em ilustração: grandes indústrias emitindo os dejetos para o rio, embarcações contaminando o mar, as águas dos rios contaminadas por lixo, a aplicação de agrotóxicos que contaminam o solo (p.124).

Posterior à análise do livro, pude identificar muitos traços na fala da professora da turma ao dizer:

“O livro didático é um recurso muito importante no processo ensino-aprendizagem, porém quando o mesmo vier ao encontro dos objetivos que se pretende alcançar com determinada série e/ou ano de ensino. Ainda não encontrei um livro didático, de HISTÓRIA e GEOGRAFIA bons para serem utilizados na 3ª série, pois nesta série devemos dar ênfase ao município o qual a escola está inserida”.(Marlisa Peixoto Fraga, Escola Érico Veríssimo).

Desse modo, compreendo que se torne difícil o papel do educador diante ao material que lhe é apresentado, e quanto à escolha dos títulos a serem disponibilizados, conforme a professora diz:

“Sempre achei a escolha do livro didático uma tarefa difícil, pois essa escolha exige análise crítica e muitas vezes não podemos fazer isso, pois não temos acesso aos livros e escolhemos somente pelo título. A descontextualização nos livros didáticos é uma característica marcante”.(Marlisa Peixoto Fraga, Escola Érico Veríssimo).

Contudo, diante do material existente, os professores da Escola Érico Veríssimo buscam realizar um trabalho que preserve a identidade do campo através das atividades ligadas ao cotidiano, isso está presente na fala da diretora:

“É importante salientar que a criança não aprende apenas quando está na sala de aula estudando. A criança aprende também quando está planejando e fazendo uma brincadeira, quando tem que resolver seus problemas. Quanto mais experiência prática a criança tem, mais fácil ela consegue aquilo que estuda nos livros ou o que a professora explica. Exemplo: que elas tenham oportunidade de aprender a se organizar, a trabalhar em grupo, dividindo tarefas, tomando decisões, resolvendo problemas que a prática vai apresentando”. (Denise Guimarães, Escola Érico Veríssimo).

O que é estudado nos livros, de acordo com o que a diretora se refere, também é uma preocupação da professora da turma, em sua fala:

“Cabe ao professor fazer a escolha do livro didático, analisando-o criticamente de modo a atender os conteúdos pré-estabelecidos no planejamento e quais serão trabalhados pelo professor com sua respectiva turma.

Cabe ressaltar que o livro didático seria um recurso maravilhoso se fosse elaborado de acordo com a realidade de cada escola, isto é, para escola da zona rural, de zona urbana, de acordo com a realidade a qual a escola está inserida”. (Marlisa Peixoto Fraga, Escola Érico Veríssimo).

Pensando na grandeza que a escrita e a leitura propiciam a transmissão de ideias e da história, é que no ano de 2010 a turma da 6ª série elaborou o livro “Nossa terra, nosso chão, nossa vida, nossa história”, com a coordenação da professora de Língua Portuguesa.

Nossa terra, nosso chão, nossa vida, nossa história é fruto de pesquisas e entrevistas feitas pela turma de 6ª série a pessoas que residem nas comunidades onde moram os alunos. Esse livro é também parte do trabalho que toda a escola realiza, buscando vincular a aprendizagem à educação no campo, cultivando raízes históricas do local onde moram.

Os alunos escreveram sobre o que há de peculiar em sua comunidade, entrevistaram moradores mais velhos buscando descobrir a origem do nome de cada localidade. O que se encontra nessa obra está expresso através da apresentação de relatos de causos, lendas e mitos sobre a origem do lugar, saem da oralidade de cada local e tomam forma nas páginas desse singelo livro, fruto de muita dedicação e trabalho.

Assim percebo que a pesquisa concreta proporcionou vez e voz aos moradores locais, que na sua simplicidade contaram aos educandos seus conhecimentos que vêm sendo passados de geração em geração. Além disso, o livro apresenta desenhos feitos pela turma, mostrando como cada um vê a sua comunidade e o lugar onde mora.

Por isso, o livro produzido pela turma assemelha-se às palavras da professora, que não descarta a utilização do livro didático que propicia a utilização de variados recursos:

“Não podemos descartar o livro didático, pois é nele que encontramos os conteúdos a serem trabalhados com os alunos, no entanto precisamos buscar outros recursos, pois geralmente os livros didáticos apresentam os

conteúdos de forma isolada e sem contextualização. Não oferecem oportunidades para o aluno desenvolver sua criatividade e construir o seu próprio conhecimento.

Por isso Edgar Morin afirma: 'O conhecimento só é pertinente na medida em que se situe num contexto' .(Marlisa Peixoto Fraga, Escola Érico Veríssimo).

É preciso ainda salientar a importância desse trabalho para o aprendizado da turma e colegas das outras turmas, pois resgatou valores nas comunidades, fez trabalho de pesquisa, os motivando a escrever “um livro de verdade”.

Além da elaboração do livro cabe sucintamente abordar temas dos projetos realizados na escola, sendo estes de acordo com a realidade local: Projeto “O saber fazer enraizado no passado se cultiva no coração pela presente educação”, e a produção do jornal “Zero Hora Escolar”, com as notícias da escola.

Se ao início da pesquisa meu propósito era a realização da análise do livro didático, tendo por objetivo identificar algumas representações de identidade de agricultores e agricultoras construídas pelos livros didáticos, através da pesquisa pude concluir que é extremamente difícil encontrar traços da identidade dos educandos entrevistados nos conteúdos pelo livro expresso, já que o livro não apresentou claramente uma definição de identificação do agricultor.

A meu ver os conteúdos dos livros didáticos deveriam assemelhar-se mais a realidade de uma escola de zona rural, ao menos a realidade do estado do Rio Grande do Sul. Isso não significa que a educação da escola esteja sendo equivocada, pelo contrário, o posicionamento adotado pela escola é condizente com a realidade da comunidade a qual está inserida.

CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa sobre a temática Educação no Campo, me parece claro diante das reflexões realizadas, que esse é o momento de repensar as práticas pedagógicas, visando uma verdadeira Educação **do** e **para os** atores do campo, pois a educação atual ainda contradiz este contexto rural.

A educação, conforme apresentada no capítulo I, trata-se de um processo de produção, da contextualização e da problematização, onde o que se aprende é fundamental. Por isso é necessário também que a escola se organize e consiga ter condições para estruturar e apoiar, formar o professor e os alunos, reelaborando o Projeto Político Pedagógico para que a partir do currículo realmente ocorra a educação **do** campo e não apenas a educação **no** campo.

No capítulo II apresentei o município de Santo Antônio da Patrulha, a comunidade de Chicolomã onde a Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Veríssimo encontra-se inserida, destacando a importância da interatividade com a diversidade e cultura. E na tentativa de entendê-las, a partir da identificação de limitações e potencialidades locais, é que de alguma forma constituem provocações intelectuais aos atores envolvidos, abordando além do lúdico, no sentido de mediador entre escola e comunidade para o desenvolvimento nesse local.

No capítulo III realizei a pesquisa analisando um dos livros didáticos da turma da 3ª série. Com isso pude realizar um estudo desenvolvido de forma cautelosa, onde notei entre os textos e atividades do livro a pouca concordância com a realidade rural e o seu desenvolvimento, não apresentando uma identidade concreta de agricultor.

Por fim, revisei todo o material de estudo e com base nestes é que posso realizar a análise. O currículo desta escola do campo é padrão como o das escolas urbanas, não abordando o saber em potencial deste meio e os sujeitos que dele fazem parte. O livro didático conforme pude observar pelas entrevistas é utilizado como um apoio, a partir do conteúdo do livro aponta-se o conteúdo a ser trabalhado na realidade, contando com o auxílio de outros materiais.

Assim, o principal instrumento de trabalho são os projetos de aprendizagem que contemplam os saberes, valorizando e enriquecendo o local e a participação da comunidade escolar.

A partir da narrativa anterior, posso pensar que a escola consegue executar dentro dos parâmetros básicos de uma educação junto aos projetos que desenvolvem, contemplando assim a transdisciplinaridade, a troca de saberes, somando-se elementos gerais e específicos na construção do conhecimento.

Neste contexto, Arroyo (2001) lembra que:

não se pode perder o sonho de uma escola do campo específica e alternativa [...] se perdemos os sonhos, perder-se-á o ofício de educar e aprender (ARROYO, 2001, p. 251).

Deste modo, vejo que educar vai além de apenas avaliar como promoção do aprendizado, educar requer sensibilidade e compreensão, é observar e promover experiências educativas que signifiquem envolver vínculos individuais e coletivos dos atores sociais com o meio. A partir da educação a qual se tem o acesso é que forma-se a identidade de um povo, que se constroem pensamentos e opiniões, e que bom seria se muitos destes educandos se identificassem nesta fala:

“Eu sou colona, eu sou criança
Tenho orgulho e esperança
Que todo mundo tenha saúde
Cuide da vida e da natureza
Cuidar da vida e cuidar da terra
Porque a terra é nossa riqueza”.

(Rosane, 14 anos, RS – Poema Premiado no Concurso Nacional Feliz Aniversário MST, 1999- Livro sem terra, 2003, p.61).

Portanto, repensando os atores envolvidos nessa escola do campo é que vejo que eles são felizes por proporcionar bem mais do que a aprendizagem dos educandos, por aprender com a temática do campo, com os conhecimentos dos pais e avós destes alunos, por acreditar que é da educação e a partir da educação que podemos concretizar o desenvolvimento rural.

Por isso é que concordo com Kolling & Molina (1999) ao dizer “creio na educação como um processo permanente e dialético que acompanha o ser humano em toda a sua existência” (KOLLING; MOLINA, 1999, p.75).

Concluindo, o livro didático é mediador do processo educativo, possuidor de muito conhecimento e valores e, entretanto deve ser melhorado e aprimorado quanto ao campo e exemplos práticos, deve contemplar as especificidades,

potencialidades e fragilidades regionais e não apenas ser tido como modelo padrão de ensino para escolas do campo e da cidade.

Os livros didáticos contribuem para a constituição da identidade do/a agricultor/a quando estes conseguem contemplar a formação do saber, o respeito e a dignidade. A possível relação entre a identidade que os livros didáticos projetam e a migração campo-cidade está representada através da imagem de avanço tecnológico e ilusória melhor qualidade de vida da cidade.

Quanto à temática Educação do Campo tenho certezas não tão certas, o que me proporcionam um novo olhar, pois é necessário repensar ações que gerem uma verdadeira educação **do e para o** campo, e considerar a função socializadora da escola, que deve reter todo o saber potencial que o meio rural e os sujeitos que dele fazem parte, para que juntos possamos respeitar, semear sonhos e colher a dignidade e orgulho de ser agricultor.

Referências:

ANJOS, José Carlos dos; LEITÃO, Leonardo. **Etnodesenvolvimento e mediações políticas e culturais no mundo rural**-Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ARROYO, Miguel Gonzáles. - **Ofício de Mestre. Imagens e auto - imagens**. Petrópolis: Vozes (org.). Por uma Educação Básica do Campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Associação Nacional de Cooperação Agrícola. **Somos sem Terra- Para soletrar a liberdade** nº 2- 2ª edição: julho de 2003- EDIÇÃO Anca.

BOTO, Carlota - **Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático**. Educação e Pesquisa. São Paulo. ISSN 1517-9702. Vol. 30, n.º 3 (Set./Dez. 2004), p. 493-511.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei n. 9.394/96.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em Movimento. Formação de Educadores e educadoras do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FERNANDES, Bernardo M. CERIOLI, Paulo. CALDART, Roseli Salete. **Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo: texto preparatório**. In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete MOLINA, Mônica. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo- **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo- **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**- 2 ed- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GEHLEN, Ivaldo; MOCELIN, Daniel Gustavo- **Organização social e movimentos sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**- 10ª Edição- DP&A Editora.

KOLLING, Edgar Jorge; MOLINA, Mônica. (Org.). **Por uma educação básica do campo**. MST, 1999.

MIGUEL, Lovois de Andrade- **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MOLINA, Mônica Castagna. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão.** – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

Revista Educação Rural Ano II- Nº2- Set/2006.

Plano de Estudos da E.M.E.F. Érico Veríssimo - ano 2008;

Projeto Político Pedagógico da E.M.E.F. Érico Veríssimo - ano 2004;

Regimento Escolar da E.M.E.F. Érico Veríssimo - ano 2008;

Endereços Eletrônicos:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda 2006- **Filosofia da Educação Capítulo 13- A Pedagogia nos séculos XVIII e XIV.** Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=10481> Acessado em 20 de dezembro de 2010.

CONAE 2010: **Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, suas Diretrizes e Estratégias de Ação.** Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/> Acessado em 20 de dezembro de 2010.

FURTADO, Cláudia Mendes de Abreu. **A Relevância do Livro Didático da Construção do Currículo de História do Ensino Médio Planificado pelos Professores da Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3047_1683.pdf Acessado em 21 de dezembro de 2010.

GIMONET, Jean Claude- **A alternância no horizonte Educativo.** Disponível em <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=11866> Acessado em 21 de dezembro de 2010.

KOLLING, Edgar Jorge. CERIOLI, Paulo Ricardo. CALDART, Roseli Salette - **“Por uma Educação do Campo-Educação do campo Identidade e Políticas Públicas”.** Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=11866> Acessado em 21 de dezembro de 2010.

MELLO NETO, José Francisco de.- **Educação Popular em Economia Solidária.** Disponível em: <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=11866> Acessado em 21 de dezembro de 2010.

RITTER, Roseli Rodrigues. CARVALHO Alonso Bezerra de- **Análise de livro didático num assentamento rural.** S/d. Disponível em www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/.../analisedelivrodidatico.pdf Acessado em 19 de maio de 2011.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO Eliziane França Moreira.- **O Livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim.** Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/328> Acessado em 21 de dezembro de 2010.

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/paulo-freire-300776.shtml?page=page2> Acessado em 20 de dezembro de 2010.

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/salvacao-lavoura-497826.shtml> Acessado em 20 de dezembro de 2010.

http://www.brinquedos.com.br/mos/view/Bonecas/Bonecas_Fashion/Bonecas_Polly_Pocket/ Acessado em 24 de março de 2011).

http://www.cnm.org.br/economia/mu_eco_pecuaria.asp?ildMun=100143349 Acesso em 25 de dezembro de 2010.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm2010> Acessado em 20 de janeiro de 2011.

<http://www.pedagogiadaalternancia.com/2008/05/historia-da-pedagogia-da-alternancia.html> Acessado em 25 de dezembro de 2010.

<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/4.6.html> Acessado em 25 de dezembro de 2010.

<http://www.santoantoniopatrulha.rs.gov.br/prefeitura/> Acessado em 03 de janeiro de 2011.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100005&lng=pt&nrm=iso Acessado em 20 de dezembro de 2010.

<http://www.webartigos.com/articles/52516/1/PEDAGOGIA-DA-ALTERNANCIA-A-OPORTUNIDADE-DE-QUALIFICACAO-DO-TRABALHADOR-DO-CAMPO/pagina1.html> Acessado em 20 de dezembro de 2010.

ANEXOS:

A-

A cidade em canção

Você viu cidades e campos no painel de imagens e também nas pinturas. Vamos estudar as paisagens das cidades por meio de dois textos poéticos?

SÓ VOCÊ

- 1 Leia com atenção a letra da canção e o poema. Aproveite para consultar a "Galeria" (página 143) para saber mais sobre os autores, Renato Russo e Roseana Murray.

Metrópole
Renato Russo

"É sangue mesmo,
não é mertiolate."
E todos querem ver
E comentar a novidade.
"É tão emocionante
um acidente de verdade."
Estão todos satisfeitos
Com o sucesso do desastre:
"— Vai passar na televisão."
"Por gentileza, aguarde um momento.
Sem carteirinha, não tem atendimento
Carteira de trabalho assinada, sim senhor.
Olha o tumulto: façam fila por favor."
[...]
"Eu sinto muito,
mas já passa do horário.
Entendo seu problema,
mas não posso resolver:
É contra o regulamento,
está bem aqui, pode ver.
"Ordens são ordens."
[...]
"E agora eu já vou indo
senão eu perco a novela
E eu não quero ficar na mão."



14

B-

Pequenas cidades

Entre a cidade grande e o campo,
As cidades pequeninas com suas lojas de secos e molhados.
Na praça, igreja e bancos de concreto,
às vezes um coreto.

A vida aí corre de um jeito diferente.
Nos relógios cabem mais horas.
Os amores e os gatos são mais lentos.

Paisagens, Roseana Murray, Lê, 2005.



- 2 Você já ouviu a canção "Metrópole" do grupo Legião Urbana? A letra revela uma certa visão do cotidiano nas grandes cidades. O poema "Pequenas cidades", por outro lado, revela uma visão bem diferente. Leia novamente a letra da canção e o poema para refletir mais uma vez sobre as mensagens que eles transmitem.

TODOS JUNTOS

- 3 Numa roda, conversem sobre a canção e o poema com base nas seguintes questões:
 - a) Qual o assunto da canção? Quem está contando a história?
 - b) A canção mostra uma opinião sobre a metrópole? Qual?
 - c) Como vocês imaginam a cena descrita na canção? Se quiserem, façam um desenho numa folha avulsa.
 - d) Qual é o assunto do poema?
 - e) Na opinião da turma, qual a maior diferença entre os dois textos poéticos que vocês leram?

15

E-

O leite: da fazenda à mesa



O leite que acabou de ser tirado da vaca é um produto natural. Para que possa ser consumido sem prejudicar a saúde das pessoas, o leite recebe um tratamento especial.



Nesta atividade você vai aprender como o leite é transformado para ser consumido. Vai investigar também em que lugares acontece essa transformação e quem trabalha nesse processo.



Vamos começar?

Nas fotos: gado leiteiro em Descalvado, São Paulo; ordenha manual e ordenha mecânica e recolhimento de leite de pequenos produtores em Socorro, São Paulo.



Nas usinas de beneficiamento e nas fábricas de laticínios, o leite é tratado e empacotado para ser vendido e também é transformado em outros produtos.



F- Entrevista realizada com os alunos da 3ª série da E. M. de Ens. Fund. Érico Veríssimo- 2010.

Nome Fictício do aluno	Questão 1	Questão2	Questão 3	Questão 4	Questão 5
	Qual a importância da E.M de Ens. Fund. Érico Veríssimo na sua vida?	Que escola você quer para o ano que vem?	Quais os pontos negativos e positivos da escola?	Qual a brincadeira que você mais gosta?	Do que você brinca em casa?
Aluno A- 10 anos	Por que se não tivesse a escola aqui eu não podia estudar	Uma escola de boa qualidade	Negativo- É que tem poucos banheiros, poucas salas, uma biblioteca muito pequena. Positivo- São bons professores e um aprendizado muito bom	Eu gosto de brincar de Polly	De andar de bicicleta e Polly e Barbie
Aluno B- 10 anos	Para aprender a ler e escrever	Uma escola boa, ter uma professora legal	Negativo- Não tem muito banheiro, não tem muitos bebedouros. Positivo- Boas professoras	Poley e pega-pega	Bicicleta, pega-pega e poley
Aluno C- 11 anos	Para aprender, ler	Uma escola boa	Negativo- Uma quadra de esportes que não tem. Positivo-Gosto da merenda.	Pega-pega	Boneca e de andar de cavalo
Aluno D- 9 anos	Ela é importante para sermos alguma coisa na vida	Uma escola boa e responsável	Negativo- não tem uma quadra de esporte, não tem muitos bebedouros e não tem muitos banheiros. Positivos- as professoras	Polly e barbie	De boneca
Aluno E- 10 anos	Por que eu	Uma escola boa e	Negativo- não tem campo	Futebol	Eu ando de

	aprendo muitas coisas	professoras	bom para jogar Positivo- tem professoras boas		bicicleta
Aluno F- 10 anos	Estudar	Uma escola muito boa	Negativo- comprar uma bola nova, campo muito ruim. Positivo- jogar bola	Futebol	Jogar vídeo game
Aluno G- 12 anos	A gente aprende	Uma escola maior	Negativo- o quando o campo esta molhado	Futebol	Futebol
Aluno H- 11 anos	Por que eu vou aprender a ler e ter um futuro	Escola nota 10, que ensina eu	Negativo- campo ruim, brigas Positivo- futebol, merenda	Futebol	Futebol
Aluno I- 10 anos	Legal e a gente aprende a ler	Uma escola muito boa	Negativo- campo ruim, bola ruim Positivo- a merenda boa	Futebol	Carrinho, futebol
Obs: As respostas contidas nesse é cópia fiel da folha respondida pelos alunos e foi usado nome fictício para preservar a opinião e a identidade dos mesmos.					